

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MARIA AUREA CALDAS SOUTO

**UMA TECNOLOGIA DE INTERAÇÃO NOS PROCESSOS DE
ENSINO APRENDIZAGEM: A VOZ DO PROFESSOR**

Maceió-AL
2012

MARIA AUREA CALDAS SOUTO

**UMA TECNOLOGIA DE INTERAÇÃO NOS PROCESSOS DE ENSINO
APRENDIZAGEM: A VOZ DO PROFESSOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal de Alagoas, na linha de pesquisa das Tecnologias de Informação e Comunicação, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Brasileira.

Orientadora: Profa. Dra. Anamelea de Campos Pinto.

Maceió-AL

2012

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

S727u Souto, Maria Aurea Caldas.
Uma tecnologia de interação nos processos de ensino aprendizagem: a voz do professor / Maria Aurea Caldas Souto. – 2012.
110 f. : il.

Orientadora: Anamelea de Campos Pinto.
Dissertação (mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal de Alagoas. Centro de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Maceió, 2012.

Bibliografia: f. 92-99.
Apêndices: f. 100-106.
Anexos: f. 107-110.

1. Voz – Educação. 2. Voz do professor. 3. Tecnologias de informação e comunicação. 4. Qualidade de vida. 5. Fonoaudiologia. I. Título.

CDU: 371.13:612.78

MARIA AUREA CALDAS SOUTO

**UMA TECNOLOGIA DE INTERAÇÃO NOS PROCESSOS DE ENSINO
APRENDIZAGEM: A VOZ DO PROFESSOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal de Alagoas, na linha de pesquisa das Tecnologias de Informação e Comunicação, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Brasileira.

Orientadora: Profa. Dra. Anamelea de Campos Pinto.

Data da defesa: 27/ 06/ 2012

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Anamelea de Campos Pinto
Universidade Federal de Alagoas - PPGE / UFAL

1º Examinadora: Profa. Dra. Celia Alves Rozendo
Universidade Federal de Alagoas - PPGENF / UFAL

2º Examinadora: Profa. Dra. Deise Juliana Francisco
Universidade Federal de Alagoas - PPGE / UFAL

DEDICATÓRIA

Aos amores da minha vida:
Meu pai, minha mãe, Vera Rocha.
In memoriam

Celinha, tesouro que Deus me deu
e permanece ao meu lado.

Meu amor incondicional a vocês.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida, por minha família, pelos amigos encontrados e por todo amor recebido ao longo desses anos de caminhada no plano terrestre.

À Dra. Anamelea de Campos Pinto, pela confiança em mim depositada, pela certeza de que eu transporia as barreiras que se fizeram presentes durante o mestrado. Por me estimular a ir à busca da inter-relação entre as áreas da Educação e da Fonoaudiologia. Agradeço de coração, pelas intervenções pertinentes, indicações, direções, apontamentos, e principalmente por me dar um exemplo singular de competência e cumplicidade.

Às Dras. Rozangela Maria de Almeida Fernandes Wyszomirska, e Almira Alves dos Santos, respectivamente Magnífica Reitora e Vice-Reitora da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas - UNCISAL, pela confiança em mim depositada e pelo carinho, respeito, consideração e apoio demonstrados, minha admiração. Ser-lhes-ei eternamente grata.

A Dra. Brasília Maria Chiari, professora da Universidade Federal de São Paulo, ícone da Fonoaudiologia, exemplo como profissional e pesquisadora, grande amiga e eterna incentivadora. Você teve valor inestimável nesse processo.

A todos os familiares, amigos, professores e colegas de trabalho e de turma, por me fazerem acreditar que seria possível concluir esta empreitada.

À professora Delza Leite Góes Gitaí, responsável pela minha entrada na vida acadêmica, por sua confiança, carinho, companheirismo nas horas mais terríveis, ombro amigo no qual muitas vezes chorei, abrigo fraterno a mim dedicado e por todos os ensinamentos meu amor e gratidão eternos.

À professora Ana Dayse Rezende Dórea, Magnífica Reitora desta UFAL no período de abril de 2005 a abril de 2012, por todas as oportunidades a mim oferecidas ao longo dos últimos seis anos.

Ao Dr. Josealdo Tonholo Pró-Reitor de Pesquisa e pós-graduação desta Universidade de abril de 2008 a abril de 2012, pelo apoio, confiança, empenho e consideração a mim concedidos na finalização desta jornada.

À Dra. Laura Cristina Pizzi, Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Educação - PPGE/UFAL, por sua compreensão, carinho, respeito e, sobretudo por seu proceder ético e humano diante das dificuldades por mim enfrentadas ao longo do curso de mestrado. Minha eterna gratidão.

À Dra. Deise Juliana Francisco, atual Coordenadora do PPGE/UFAL por sua conduta ética, suas excelentes aulas durante o curso e, ainda, por aceitar fazer parte da banca examinadora que avaliou esta dissertação.

À Dra. Célia Alves Rozendo, por ter aceitado diante do exíguo tempo para que esse trabalho fosse concluído ser membro da banca examinadora dessa dissertação.

À Mary Lourdes Scofield Osório, meu anjo da guarda, por tudo e principalmente por seu companheirismo, persistência, disponibilidade, força, paciência, tolerância, em suma por sua amizade. Provavelmente, teria sido impossível transpor as barreiras que enfrentei desde junho de 2011 até o presente momento, sem sua ajuda. Você é partícipe efetiva dessa conquista.

À Sra. Maria Lucia Tavares, colaboradora há catorze anos, por cuidar de mim, da minha casa, de Hannah e Luly, enfim, por sua disponibilidade e por se mostrar uma facilitadora. Meu especial carinho, respeito e gratidão.

À Regina Nunes, filha amada do coração, por seu equilíbrio, carinho e companhia nos dolorosos momentos vividos no ano que se passou. Meu amor e minha disponibilidade para o que for preciso.

À Linda, irmã de coração, herança de um amor que foi para o outro plano, por sua confiança, carinho, amizade e, sobretudo por seu exemplo de fé e cristandade. Conte comigo sempre.

Às amadas Lívia e Laís, por se tornarem durante este ciclo de vida que ora se encerra luz e crença numa humanidade melhor e mais verdadeira. Ao olhar para vocês, reiniciar é bem mais fácil.

À doce e suave professora Telma Vitória, por todas as dicas e conversas que tivemos, por suas orientações, escuta sempre atenta e seu olhar acolhedor.

À vovó Bibi por seu amor, dedicação, por todas as orações e pelo exemplo de mulher.

À amiga Nayyara Flores, parceira há mais de quinze anos, por sua paciência, tolerância com os meus sonhos e sua objetividade. Aprendi muito com você ao longo desses anos e espero tê-la ao meu lado, dividindo todas as responsabilidades acadêmicas e da gestão por muito tempo, ainda.

Aos amigos, Angela Peres, João Maria, Carlos Alexandre, Lucas Farias, Ana Rita Firmino, Martha Barbosa, Orleis Farias, Naida Mota e tantos outros, pela força, carinho apoio e orações a mim dedicados.

À Cynara, presente do céu, sempre iluminada, por sua amizade, alegria, disponibilidade, vivacidade, enfim por me fazer sorrir muitas vezes. Grata por ser uma estrela que brilha e distribui sua luz.

Ao Cleber e ao Rafael, amigos conquistados ao longo desse mestrado, por todo o apoio, carinho, confiança e estímulo. Sou-lhes profundamente grata.

Aos sujeitos dessa pesquisa sem os quais esse trabalho deixaria de acontecer, por acreditarem nesta pesquisadora, pela disponibilidade e pelo compromisso com a ciência demonstrados.

A todos os professores do PPGE/UFAL pelos ensinamentos, disponibilidade, leveza, alegria e compromisso demonstrados. Agradeço de coração.

Aos funcionários lotados no PPGE/UFAL, pelo profissionalismo, disponibilidade em ajudar e carinho dedicados aos alunos que fazem parte do Programa e a mim em especial.

À Marcela, Lela e Noélia, alunas do curso de Pedagogia da UFAL, respectivamente bolsista e colaboradoras do PIBIC 2010 - 2011, pela enorme colaboração na fase que antecedeu à coleta de dados. Esta pesquisa foi viável graças à colaboração de vocês. Jamais me esquecerei.

À Dra. Lucia Maria Santa Rita, médica que cuida da minha saúde mental desde julho de 2011. Todo o meu agradecimento, admiração e carinho.

À Dra. Nilza Maria Martins Amaral, médica, diretora, amiga, por sua especial companhia e cumplicidade. Ser-lhe-ei grata eternamente.

A todos os colegas da UFAL, com quem convivi durante todo esse tempo, pelas lições de vida aprendidas, e principalmente por me ensinarem a ver diferente o mundo da Educação.

À amiga Jacqueline Felix por todo o carinho e cuidado durante a formatação, nos momentos finais desse trabalho. Meu profundo agradecimento.

À querida Helena Pimentel por todo seu profissionalismo, zelo e amizade a mim demonstrados ao longo dessa caminhada, meus mais sinceros agradecimentos e minha admiração.

*"A vida só pode ser compreendida olhando-se para trás,
mas só pode ser vivida olhando-se para a frente."*

Soren Kierkegaard

RESUMO

Há mais de 14 anos, na área da saúde, mais especificamente a Fonoaudiologia e a Otorrinolaringologia têm preocupado-se com os problemas de voz do professor. No entanto, pesquisas entre esses dois campos do saber e a área da Educação, para se obter resultados efetivos, têm sido escassas. Em face dessa realidade, o presente estudo buscou responder ao seguinte questionamento: os profissionais da Educação têm desenvolvido habilidades e competências relacionadas à preservação de sua voz, com vistas à saúde e a sua qualidade de vida? Como objetivos buscou-se: verificar a percepção do professor sobre sua voz; avaliar a qualidade da voz desses sujeitos do estudo; verificar que cuidados eles adotam para preservar a qualidade vocal e verificar como costumam usar a voz no exercício da profissão docente. Doze sujeitos de uma universidade pública, da região nordeste, aderiram à investigação. Um docente do curso de Física, cinco do curso de Matemática e seis do curso de pedagogia. Assim, para conseguir alcançar os objetivos propostos esta pesquisa foi dividida em duas etapas. A primeira foi consagrada à avaliação perceptivo-auditiva da qualidade da voz, da variação de loudness “(sensação psicofísica relacionada á intensidade, Behlau, 2001)” e pitch “(sensação psicofísica da frequência fundamental. Não deve ser confundido com medida de frequência, Behlau, 2001)”, do alongamento da sílaba, da velocidade de fala, da pausa e da articulação presentes durante a gravação da leitura de um texto padrão realizada pelos professores, utilizando-se o software Audacity e da fala espontânea por meio de uma breve apresentação pessoal, dentre outras informações que o sujeito da pesquisa pudesse vir a oferecer. Nesta fase os entrevistados responderam também a um questionário composto por duas questões abertas e vinte afirmativas a serem marcadas como verdadeiras ou falsas que contribuiu para que se pudesse ter, dentro do grupo estudado, um registro do nível de informações e de conscientização sobre o uso da voz de modo profissional. Na segunda etapa os sujeitos foram informados, por meio de palestra ilustrativa e de oficina, o quão importante é para sua saúde geral a conservação de sua tecnologia de trabalho - a voz e quanto devem investir na expressividade oral e corporal para a melhoria do processo ensino-aprendizagem. Pretende-se, ainda, que os resultados desse estudo estimulem, igualmente, o desenvolvimento de políticas de saúde do trabalhador que incluam a saúde vocal do professor e o incentivo a novas pesquisas transdisciplinares sobre o uso da voz do docente aplicada às Tecnologias de Informação e Comunicação nos processos de ensino/aprendizagem, nas ações, tanto presenciais, quanto a distância, além de favorecer as práticas educativas dos docentes de instituições de ensino superior.

Palavras chave: Tecnologias de informação e Comunicação na Educação. Voz do professor. Qualidade de vida.

ABSTRACT

For more than 14 years in healthcare area, specifically the Voice Therapy and Otolaryngology are concerned with the problems of teacher's voice. However, research between these two fields of knowledge and the area of Education, to obtain effective results, has been scarce. Given this reality, the present study sought to answer the following question: Education professionals have developed skills and competencies related to the preservation of his voice, with a view to health and their quality of life? As objective we sought to: verify the teachers perception of his voice; evaluate the voice quality of these study subjects; see that they take care to preserve the quality of voice and see how often use the voice in the exercise of teaching profession. Twelve subjects of a public university in the northeastern region, joined the investigation. A professor of physics course, five of Mathematics course and six of the pedagogy course. Thus, to achieve the proposed objectives this research was divided into two stages. The first was devoted to perceptual assessment of voice quality, the loudness variation "(related psychophysical sensation intensity will, Behlau, 2001)" and pitch "(psychophysical sensation of the fundamental frequency. Should not be confused with frequency measurement, Behlau, 2001), "stretching of the syllable, the speech speed, pause and articulation present during recording the reading of a text pattern performed by teachers, using software Audacity and spontaneous speech through a short personal presentation, among other information that the subject research could come to offer. At this stage the respondents also a questionnaire consisting of two open questions and twenty statements to be labeled as true or false that contributed to that if I could have, within the study group, a record level of information and awareness use of voice in a professional manner. In the second phase the subjects were informed by through illustrated talk and workshop, how important it is for your overall health to conservation of its technology work - and as the voice should invest in oral expression and body to improve the teaching-learning process. It is intended also that the results of this study will stimulate also the development of health policies that include worker health vocal teacher and encouraging new transdisciplinary research on the use of voice applied to the teaching of Information and Communication Technologies in the teaching / learning, actions, either in person, as the distance, in addition to promoting educational practices of teachers in higher education institutions.

Keywords: Information and Communication. Technologies in Education. Voice Teacher. Quality of life.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Políticas públicas sobre voz do professor: caracterização das leis brasileiras..... | 34 |
| Figura 2 - Glote..... | 37 |
| Figura 3 - Produção vocal..... | 38 |
| Figura 4 - Blog Voz do Professor..... | 82 |
| Figura 5 - Avatar 1..... | 83 |
| Figura 6 - Avatar 2..... | 84 |
| Figura 7 - Slide 1 - Oficina: Voz do Professor | 85 |
| Figura 8 - Slide 38 - Oficina: Voz do Professor..... | 85 |
| Figura 9 - Slide 39 - Oficina: Voz do Professor..... | 86 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1 - Apresentação das leis segundo número, data de promulgação e ente federativo promulgador (n= 28)..... | 33 |
| Quadro 2 - Glote..... | 54 |

LISTA DE SIGLAS

| | |
|---------------|--|
| CEDU | Centro de Educação |
| CEP | Comitê de Ética em Pesquisa |
| CNS | Conselho Nacional de Saúde |
| DRVT | Distúrbios da Voz Relacionados ao Trabalho |
| FAPESP | Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo |
| OIT | Organização Internacional do Trabalho |
| PIBIC | Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica |
| PNUD | Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento |
| PPGE | Programa de Pós-Graduação em Educação |
| PUC-SP | Pontifícia Universidade Católica de São Paulo |
| TCLE | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido |
| UFAL | Universidade Federal de Alagoas |
| UNESCO | United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization |
| UNICEF | Fundo das Nações Unidas para a Infância |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| | INTRODUÇÃO..... | 18 |
| 1 | PROFISSÃO DOCENTE E VOZ..... | 23 |
| 1.1 | Ser Professor..... | 22 |
| 1.2 | O professor é um profissional da voz?..... | 30 |
| 1.3 | Saúde vocal do professor..... | 35 |
| 2 | QUALIDADE E PSICODINÂMICA VOCAL..... | 44 |
| 2.1 | Impressões transmitidas pela voz..... | 48 |
| 2.2 | Naturalidade e técnica: a forma natural, clara e interativa de transmitir a aula..... | 54 |
| 2.3 | Os recursos vocais e a linguagem midiaticizada..... | 59 |
| 2.4 | Voz do professor instrumento ou tecnologia a serviço da Educação.. | 61 |
| 3 | PERCURSO METODOLÓGICO..... | 65 |
| 3.1 | Primeiras escutas: a base da pesquisa colaborativa..... | 65 |
| 3.2 | Trajetória das vozes gravadas sob o olhar da pesquisadora..... | 73 |
| 3.3 | Avaliação perceptivo auditiva dos resultados..... | 77 |
| 4 | A VOZ EM CURSO..... | 81 |
| 4.1 | Blog: a voz do professor..... | 81 |
| 4.2 | Oficina..... | 83 |

| | | |
|------------|--|------------|
| 4.3 | Guia de recomendações para o docente: voz profissional na | |
| | educação..... | 87 |
| | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 89 |
| | REFERÊNCIAS..... | 91 |
| | APÊNDICES..... | 99 |
| | ANEXOS..... | 105 |

*"Há homens que lutam um dia e são bons,
há outros que lutam um ano e são melhores,
há os que lutam muitos anos e são muito bons,
as há os que lutam toda a vida
estes são imprescindíveis." Bertold Brecht*

*"Aquilo que você mais sabe ensinar
é o que você mais precisa aprender..."*

Richard Bach

INTRODUÇÃO

O choro é a primeira manifestação da voz humana. É possível comunicar por meio do olhar, da expressão facial, da expressão corporal, dos gestos e da fala, mas é pela voz e pelos diversos parâmetros que a caracterizam (intensidade, entonação, pausa, velocidade, ritmo e outros) que se passa grande parte das informações contidas em uma mensagem e que se revela muita coisa sobre si mesmo.

Desde o final do século passado, atenção especial vem sendo dada, pela área fonoaudiológica aos profissionais que têm na voz sua tecnologia de trabalho orientando-os e os preparando, contribuindo, assim, para uma melhoria efetiva no seu desempenho profissional e pessoal.

Durante o VII Seminário de Voz, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, ocorrido em outubro de 1997, Ferreira, (2000), abordou-se como tema central as alterações laríngeas, com consequentes disfonias caracterizadas como doenças ocupacionais. Esta foi a primeira vez que um grupo multidisciplinar chegou ao consenso de que alterações na voz poderiam ser concebidas como doenças relacionadas ao trabalho.

Recentemente, no 19º Congresso Brasileiro e 8º Congresso Internacional de Fonoaudiologia, cujo tema foi “Comunicação como um direito de todos”, ocorrido em princípio de novembro de 2011, na cidade de São Paulo, Leslie Piccolloto Ferreira, Doutora em Distúrbios da Comunicação, anunciou, em mesa redonda sobre a Saúde do Trabalhador, que a finalização do protocolo de Distúrbios da Voz Relacionada ao Trabalho - DRVT seria divulgada por um representante do Ministério da Saúde, ainda naquele evento, 14 anos após as primeiras proposições que relacionavam as alterações vocais às doenças do trabalho (FERREIRA, 2012).

Rouquidão, cansaço vocal, dor na garganta, estão dentre as queixas mais frequentes relatadas por aqueles que utilizam a voz intensamente durante sua atividade laboral. Entre eles, destacam-se os professores, que após algum tempo de exercício efetivo da profissão, se dão conta, inúmeras vezes, por falta de precaução, do desgaste provocado em seu aparelho fonador. Evidencia-se, portanto, a

relevância em assegurar que o docente receba orientação específica sobre como usar sua voz eficientemente, com o mínimo de esforço e o máximo de rendimento (BEHLAU, 2004).

É alto o percentual de professores que se licenciam ou se afastam da sala de aula em decorrência de distúrbios vocais ocasionados pelo uso inadequado e abusivo do aparelho fonador, sendo os docentes da rede pública de ensino os profissionais da voz que mais procuram os serviços de saúde e os que têm maior incidência de disfonia (BEHLAU, 2010).

As precárias condições para o desenvolvimento do exercício profissional como a competição sonora com ruído externo, salas sem acústica adequada, longas jornadas e estresse excessivo no ambiente de trabalho são fatores que levaram ao seguinte questionamento: os profissionais da Educação têm desenvolvido habilidades e competências, de modo que possam preservar os aspectos essenciais relacionados à voz do docente como a intensidade, a frequência, a ressonância, a articulação, o ritmo e o regionalismo, uma vez que tais parâmetros são determinantes para a melhoria da qualidade das interações pedagógicas, para a saúde vocal e para a qualidade de vida desses educadores/formadores?

É comum aos profissionais da Educação apresentar rouquidão, cansaço vocal, dor na garganta, queixas frequentes após algum tempo de exercício efetivo da profissão. Oyarzún et al.(1984), mencionam que a disfonia do professor tem sido estudada e considerada como doença profissional e social na maioria dos países. Desta forma, os transtornos vocais constituem uma preocupação em relação ao desempenho do professor, que fica limitado para o exercício de sua atividade laboral.

Para Behlau (2010), os professores da educação básica do país faltam cinco dias, por ano, às aulas, apenas por causa de problemas na voz. Nas demais profissões, a média de ausência não chega há um dia.

A dinâmica da voz traz em si particularidades sobre a melodia (unidades sintagmáticas ou frasais caracterizadas por padrões de pitch - sensação psicofísica da frequência fundamental) e, não deve ser confundido com a medida de

frequência em si. O termo não apresenta tradução para o português e, portanto, opta-se por empregar o verbete na língua original, o inglês (BEHLAU, 2001) o alongamento da vogal (extensão de tempo envolvida na articulação dos sons vocálicos), o volume (alto/baixo), o ritmo (a simetria e duração das unidades rítmicas da fala), e a velocidade de fala (MADUREIRA, 2005). No entanto, ainda hoje evidencia-se uma lacuna a respeito de pesquisas direcionadas ao estudo da voz do professor que se preocupem com questões que não estejam unicamente associadas à fonoaudiologia, à laringologia e à linguística, mas, sobretudo ligadas a pontos importantes do universo da educação.

Com esta pesquisa buscou-se verificar a percepção do professor sobre sua voz; avaliar a qualidade da voz dos professores sujeitos deste estudo; verificar que cuidados o professor adota para preservar a qualidade vocal; e verificar como esses sujeitos costumam usar a voz no exercício da profissão, de um grupo de docentes dos cursos de licenciatura em Pedagogia, Matemática e Física de uma Universidade pública da região nordeste, que ministram aula nas modalidades presencial e a distância e os preparar para o uso da expressividade verbal e não verbal, isto é, voz, corpo e gesto como elementos importantes na transmissão da mensagem e na interação social. A autora deste trabalho crê também que tal estudo permitirá obter resposta ao seguinte questionamento: os profissionais da Educação têm desenvolvido habilidades e competências, para a melhoria da qualidade das interações pedagógicas, para a saúde vocal e para a qualidade de vida desses educadores/formadores ?

Este estudo foi organizado da seguinte maneira: no primeiro capítulo aborda-se a profissão docente e voz: alguns conceitos, profissão docente e saúde vocal. No capítulo 2, contextualiza-se sobre qualidade e psicodinâmica vocal: como falar com naturalidade e técnica chamando a atenção pela forma natural, clara e interativa de transmitir a aula e como fazer uso dos recursos vocais de forma saudável e adequada à linguagem midiaticizada e diferencia-se, ainda, a voz do professor como instrumento ou tecnologia a serviço da Educação.

O terceiro capítulo descreve o percurso metodológico traçado para realização desta pesquisa e apresenta os dados que a embasaram como o questionário respondido pelos sujeitos e a avaliação perceptivo-auditiva da

qualidade vocal desses docentes. No quarto capítulo estão apresentados um blog criado durante o trabalho de pesquisa, cujo objetivo é levar à sociedade uma resposta do estudo feito, alguns fragmentos da oficina realizada como devolutiva a aqueles que participaram da investigação e recomendações para o docente, especialmente dedicado à voz profissional na educação.

As Considerações finais expõem algumas proposições que foram utilizadas durante a construção do guia de recomendações e também sobre a mudança do paradigma sala de aula e do processo educativo que ocorre nesse espaço.

*O que guardas contigo
Perdes.
O que passas adiante,
guardas para sempre.*

Axel Munthe

1 PROFESSÃO DOCENTE E VOZ

1.1 Ser Professor

Neste item toda a atenção e esforço estão voltados àquele que é o inspirador desse trabalho, o professor. Há de se levar em consideração, que a autora desta pesquisa realizou em sua formação básica o Curso Normal como era nominado na época e militou nas séries iniciais do Ensino Fundamental por seis anos, tempo em que fez a graduação em Fonoaudiologia. Assim que concluiu o curso superior, mergulhou no universo fonoaudiológico e desde então, 1978, estuda e acompanha docentes de todos os níveis de ensino -fundamental, básico, superior e também aqueles que lecionam em cursos preparatórios para concursos/vestibular, com queixas de voz.

Penin (2009 p. 2) afirma que “a atividade ensino” remonta a origem do homem, mas foi a partir do século XVI que, a cargo das congregações religiosas, em especial os jesuítas, que se começou a falar sobre o ensino. Fortemente ligado ao poder clerical, sendo os professores em sua maioria, também sacerdotes, estava reservado apenas a uma elite e servia meramente como atividade acessória.

Somente no século XVIII, em consequência das lutas contra o conservadorismo revolucionário pela democratização, deu-se início a uma série de reformas, surgindo, assim, a figura profissional do professor. O ensino foi tirado das mãos do Clero e entregue ao poder do Estado.

Na Europa, o Marquês de Pombal, Ministro do Rei Dom José I, principal responsável pela expulsão dos jesuítas de Portugal e de suas colônias, incluindo o Brasil, tinha como preocupação maior a formação de um corpo laico de professores que pudessem servir de agentes do estado nas diversas localidades e povoações.

Instituições responsáveis pela formação dos professores começam a surgir, motivando a elaboração de um estatuto social. A escola e a instrução ganham então a possibilidade do progresso e os professores, os seus agentes.

Assim, a visão de que os professores são necessários para a evolução de um país torna-se cada vez mais presente.

A história da educação no Brasil evoluiu com rupturas marcantes. A primeira, com a chegada dos portugueses, pois os jesuítas não trouxeram somente a moral, os costumes e a religiosidade europeia. Trouxeram também os métodos pedagógicos, que funcionaram absolutos por 210 anos, de 1549 a 1759, quando foram expulsos, marcando assim, uma nova ruptura na História do país.

Aos colonizadores não interessava a formação política e intelectual do povo brasileiro, uma vez que, despertar na população o pensamento crítico colocava em risco a colônia. Assim, evitavam-se, quaisquer possibilidades de desenvolvimento de ideias de independência. À corte portuguesa interessava como refere Saviani (2007, p. 44), “a sujeição dos gentios, sua conversão à religião católica e sua conformação disciplinar, moral e intelectual à nova situação.”

Se, até então, existia alguma coisa estruturada em termos de educação em terras brasileiras, a seguir instaurou-se o caos. As tentativas de reestruturação iam desde as aulas régias ao subsídio literário, mas a balbúrdia continuou até que a Família Real, fugindo de Napoleão na Europa, resolveu transferir o Reino para o Novo Mundo, permitindo, desta forma, mais uma ruptura.

Para preparar terreno para sua estadia no Brasil D. João VI abriu Academias Militares, Escolas de Direito e Medicina, a Biblioteca Real, o Jardim Botânico e, sua iniciativa mais marcante em termos de mudança, a Imprensa Régia (BELLO, 2001, p. 2).

A partir de então, cerca de três séculos após o descobrimento, mais precisamente a partir de 1812, na Bahia, no Rio de Janeiro e em seguida em São Paulo, visando atender às necessidades da Coroa, inicia-se a oferta de curso superior no Brasil: cursos isolados, dissociados de um projeto de universidade, cuja institucionalização ocorreu apenas em 1931.

Nessa ocasião, a gestão do presidente Getúlio Vargas imprime ao governo e ao país uma série de reestruturações, dentre as quais, sob a forma de decreto, a “Reforma do Ensino”, coordenada por Francisco Campos. Nasce então, o

Estatuto das Universidades Brasileiras, trazendo consigo a obrigatoriedade da formação em nível superior para os professores do denominado ensino secundário, privilegiando essa etapa da escolarização, na época.

O Estatuto supracitado traz em seu bojo os fins da Universidade que passam a ser referidos:

[...] elevar o nível da cultura geral; estimular a investigação científica em quaisquer domínios do conhecimento humano; habilitar ao exercício das atividades que requerem preparo técnico e científico superior; concorrer, enfim, pela educação do indivíduo e da coletividade, pela harmonia de objetivos entre professores e estudantes e pelo aproveitamento de todas as atividades universitárias, para a grandeza da Nação e para o aperfeiçoamento da Humanidade. (PENIN, 2001, p.320).

Francisco Campos, ao lançar o Estatuto das Universidades Brasileiras faz menção em seu discurso ao fato do ensino no Brasil ser um “ensino sem professores”, visto que não havia uma formação acadêmica para esses profissionais e refere, ainda, que “a nossa cultura é puramente autodidática”, que faltavam lastros de escolarização que sustentassem o desenvolvimento de um padrão educacional capaz de galgar o crescimento e o desenvolvimento. O referido educador ratifica, ainda, que “ao conjunto de Institutos reunidos em Universidades”, os quais lhe conferem o cunho verdadeiramente universitário, venham conceder à atividade que:

[...] transcenda os limites do interesse puramente profissional, abrangendo em todos os seus aspectos, os [...] valores da cultura, que à Universidade conferem o caráter e atributo que a definem e a individualizam”. (FÉTIZON, apud PENIN, 2001, p.320).

Surgem, pois, a partir do decreto, as duas primeiras universidades brasileiras: a do estado de São Paulo em 1934, cujo projeto teve como mentor e inspirador Júlio de Mesquita Filho; e a da cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, em 1935, sob a inspiração de Anísio Teixeira.

Como seria de se esperar, uma vez que cada uma dessas universidades fora concebida por senhores dedicados às causas da Educação, elas apresentaram fins distintos. Enquanto o projeto da USP tinha como uma de suas finalidades

“realizar a obra social e vulgarização das ciências das letras e das artes, por meio de cursos sintéticos, conferências, palestras, difusão pelo rádio, filmes científicos e congêneres”, a Universidade do Distrito Federal manifestava dentre as suas metas, de modo mais claro e menos aristocrata a de “prover a formação do magistério em todos os seus graus” (PENIN, 2001, p. 321). Assim, tiveram início os primeiros cursos de formação de professores em nível superior no Brasil.

Da década de 1930 até o final dos anos de 1970, viveu-se no país o que se pode chamar de anos dourados dos Institutos de Educação e das Escolas Normais que formavam os professores para o ensino primário. Essas instituições eram, na sua maioria, escolas públicas estaduais e a formação desses profissionais do ensino, dava-se em nível secundário, conforme afirma Saviani (2007).

Atribuída por Penin (2009), à proliferação de instituições formadoras, principalmente de caráter privado, associada a uma política de achatamento dos vencimentos dos professores das redes estadual e municipal de ensino, verificou-se, a partir da década de 1990, um empobrecimento gradativo desses profissionais que beira a privação. Concomitantemente, constatou-se uma queda importante na qualidade da educação básica ministrada nas escolas públicas brasileiras. O que se pode constatar é que a desvalorização da profissão comprometeu e ainda hoje é bastante sentida na categoria.

Difícil entender e aceitar que uma profissão, cujo fazer tem como resultado a transformação do sujeito e conseqüentemente a transformação da realidade social tenha passado por tamanho desequilíbrio.

Outro indicador do que se acaba de relatar diz respeito aos insatisfatórios índices de rendimento escolar da maioria dos estudantes do sistema público de ensino, conforme tem sido divulgado pelos meios de comunicação. A razão desses escores não tem seu nascedouro na escola, do mesmo modo que a solução para esse problema carece de políticas de estado que se voltem para as questões da educação nacional.

Curiosamente os cursos de formação de docentes nas instituições de ensino

superior do país ainda se ressentem do estabelecimento de uma política de formação de professores, de maneira a inspirar projetos integrados para a preparação desses profissionais, dentro de um complexo contexto social e institucional.

A sociedade vem exigindo, cada dia mais, um professor qualificado nas questões para as quais foi formado, sejam elas científicas e/ou tecnológicas, bem como nas culturais e pedagógicas. Só por meio de qualificações adequadas, o professor terá condições de desempenhar eficazmente as funções que lhe competem. A formação do professor é um processo que ocupará toda a sua vida profissional, passando por três componentes estruturais: a formação inicial, a formação continuada e a formação especializada. Nenhum destes componentes poderá agir isoladamente, a formação inicial pressupõe o seu desenvolvimento na formação continuada e a sua diversificação na formação especializada.

É importante salientar que esta investigação se voltará aos docentes do ensino superior, por entender a pesquisadora que é essa categoria de trabalhadores da educação que forma e formará os seus sucessores para a função de ensinar. O professor da graduação é modelo para o futuro profissional que deseja diplomar-se. O termo, modelo, aqui empregado deve ser compreendido em seu significado pleno, isto é, toda a expressividade verbal e não verbal daquele que ensina, a maneira de se vestir, de calçar, enfim de se apresentar influencia o estudante na formação de sua auto-imagem como professor. E como esperar daquele que será um docente que ele tenha cuidados com sua tecnologia de trabalho - a voz, se o padrão vocal que lhe foi oferecido diverge do considerado como voz adaptada¹ ? Uma voz que não apresente ruídos de fundo como rouquidão, aspereza, hipernasalidade, instabilidade, insegurança. A voz do professor deve transmitir credibilidade, deve ser agradável aos ouvintes de modo que os mantenha direcionados ao conteúdo do que está sendo dito.

¹ Voz adaptada - Por não existir consenso quanto aos conceitos de voz normal e disфонia, a definição aceitável de voz normal inexistente, os padrões e os limites são indefinidos (COLTON, CASPER e LEONARD, 2010). No entanto, ao longo do tempo, vem se buscando um termo que possa significar que uma voz quando usada de acordo com a situação de comunicação e com o interlocutor, isto é, com uma possibilidade de variação sob demanda voluntária ou não, consciente ou inconsciente talvez seja um dos melhores atestados de saúde vocal e de normalidade anátomo-funcional do aparelho vocal. Assim, criou-se o termo, voz adaptada, uma vez que esta nomenclatura, isenta-se e da complexa discussão do que seria a normalidade vocal. BEHLAU, Mara (Org.). Voz: o livro do especialista Volume I. Rio de Janeiro: Revinter, 2001, p.65.

Por que, outros profissionais como cantores, atores, locutores, telejornalistas, que têm na voz sua principal tecnologia de trabalho dedicam a ela os cuidados necessários para sua conservação e para melhorar/aprimorar/refinar a qualidade da emissão? E por que o mesmo não acontece com o professor seja qual for o nível de ensino?

Em que estágio da vida acadêmica o estudante, em especial os licenciandos têm seu olhar direcionado para os cuidados pessoais que deve tomar para atingir o exercício pleno da profissão docente com saúde, qualidade de vida e sendo modelo para seus alunos? Na história da formação inicial de professores deste país, em algum momento as atenções foram voltados para a formação de cidadãos críticos e valorizados no ofício de ensinar e influenciar novas gerações? Quais as bases constitutivas da educação superior no Brasil?

Masetto (2009) foi buscar na obra “A universidade necessária” de Darcy Ribeiro (1975), fundantes que o levaram a refletir sobre o modelo universitário brasileiro cuja implantação se deu a partir de 1808. Essa base veio da universidade napoleônica, porém sem importar o pensamento político e a filosofia institucional de órgão unificador da educação geral, determinado a integrar o país culturalmente e a introduzi-lo na civilização industrial emergente, como era adotado na França. Enfim, o que se tem como práxis, desde o seu início, por volta dos anos de 1830, denuncia que os cursos superiores, na nação brasileira, foram criados para a “formação de profissionais que exerceriam uma determinada profissão” (MASETTO, 2009, p. 10).

Parece ser óbvio concluir que o processo de ensino daquela época tinha como base a transmissão de conhecimentos e experiências profissionais de alguém que sabia e conhecia - o professor, para alguém que não sabia nem conhecia - o aluno, com o objetivo de transformar estes em tão bons profissionais quanto aqueles (MASETTO, 2009). Essa prática foi mantida até a década de 1970 pela maioria das universidades brasileiras, quando da seleção/escolha de docentes para o ensino superior.

Até bem pouco tempo, acreditava-se que aquele que dominasse os conhecimentos teóricos e práticos de sua profissão/arte, automaticamente, sabia

ensinar. A existência, porém de uma formação específica para o docente do ensino superior passou a ser preocupação dos órgãos competentes, dos próprios professores e dos alunos, há cerca de quatro décadas. Felizmente, nos últimos vinte anos, tornou-se evidente nas faculdades/universidades a profissionalização daquele que ensina e a certeza de que o exercício da profissão exige além dos requisitos anteriormente citados, competências específicas e próprias ao processo ensino-aprendizagem e de uma formação continuada ao longo da atuação em sala de aula conforme afirma (MASETTO, 2009).

Os avanços tecnológicos têm colocado todos os trabalhadores em uma situação de desafio cotidiano, de repensar e ressignificar sua função, seus valores, sua finalidade e seu foco laboral. Igualmente, esses questionamentos voltam-se ao papel daquele cuja função é a educação escolar no ensino superior. O desenvolvimento e a utilização das tecnologias de informação e comunicação evidenciaram e continuam a evidenciar que a aquisição de informações hoje é muito bem suprida pelo uso da informática. No entanto, o perfil do profissional a ser formado, o aprender a aprender permanentemente, a humanização do fazer de cada profissão, o saber trabalhar/construir colaborativamente necessitam das interações e mediações pedagógicas que ocorrem por meio da dialogicidade entre professor e aluno, professor-professor, aluno-aluno, isto é, para ensinar na educação superior é fundamental o desenvolvimento de competências específicas para esse fazer.

Para Fernandes (2009, p. 98) são poucos os estudos na área da universidade brasileira que tenham “como foco principal a prática pedagógica”² exercida no dia a dia dos cursos superiores, em especial os produzidos no país.

Masetto (2009, p.19) elenca três exigências ao candidato à docência em nível de ensino superior, a saber: “competência em uma determinada área de conhecimento; domínio na área pedagógica; e o exercício da dimensão política”. Destaca, ainda, que se encontra no domínio na área pedagógica a maior

² Prática Pedagógica aqui compreendida como prática intencional de ensino e aprendizagem, não reduzida à questão didática ou às metodologias de estudar, mas articulada à educação como prática social e ao conhecimento como produção histórica, datada e situada, numa relação dialética entre prática-teoria, conteúdo-forma. VEIGA, Ilma Passos Alencastro. A Prática Pedagógica do Professor de Didática. 11 Ed. Campinas, SP: Papirus, 2008.

fragilidade, no que diz respeito ao profissionalismo na docência. As hipóteses para as causas desse ponto fraco acredita esse estudioso, devam-se às poucas e algumas vezes nenhuma oportunidade de entrar em contato com essa área e por considerarem esse conhecimento prescindível, desnecessário para a atividade de ensinar.

De que valeria a docência, não fora a aprendizagem de conteúdos, o desenvolvimento de habilidades humanas e profissionais, de valores éticos, deontológicos, culturais, políticos e econômicos, da participação na sociedade como cidadãos comprometidos com as dificuldades e a sua evolução, por parte dos alunos? Para se alcançar êxito em todas essas demandas, o professor precisa fazer uso de estratégias participativas e de técnicas que reproduzam a realidade ou que coloquem o aluno em contato com ela, de modo a tornar o processo ensino-aprendizagem mais eficiente e mais eficaz.

1.2 O professor é um profissional da voz?

Tanto na literatura nacional com Fawcus, Dragone e Behlau, Nagano e Behlau, (2001), Rodrigues, Azevedo e Behlau (1996) e Oliveira et al (1995) quanto na internacional com Sataloff (1991), Stemple, Glaze e Gerdeman (2000), Ferreira et al (1995), Rodrigues et al (1996), Lopes Filho et al (1997) e Ferreira e Costa (2000) afirma-se que pesquisas vêm sendo desenvolvidas, na busca de analisar como as variações nas características da voz do professor no processo de interlocução, participam da mediação pedagógica, servindo de tal modo como palco para a elaboração do conhecimento pelo aluno. Tais resultados permitem associar mudanças na qualidade vocal dos professores com diferentes objetivos que permeiam o estabelecimento de acordos e negociação de sentidos. Além disso, eles apontam para a importância de se ampliar o estudo da voz no movimento interativo entre professor e alunos, como mais uma dimensão para a compreensão do complexo e relevante processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com Arruda (2004), o modo de falar do docente influencia tanto de maneira positiva como negativa os alunos que atribuem características psicológicas e físicas ao professor, bem como determinam os recursos vocais responsáveis por sua expressividade oral. A velocidade de fala, o emprego da pausa, a qualidade

da voz e a intensidade vocal são aspectos valorizados pelos alunos. Nessa pesquisa, a autora obteve como resultado que:

[...] os alunos elegeram P3 como professora preferida, alegando ser sua fala clara, objetiva e com boa com modo de expressão oral motivante, agradável, que prendeu a atenção do aluno e transmitiu firmeza. Os recursos vocais de P3 foram: pausa média e prolongada, variação na velocidade de fala, uso frequente dos recursos de ênfase, articulação precisa, repetição produtiva dos padrões melódicos e coerência na direção do pitch na finalização dos enunciados (ARRUDA, 2004, p. 2).

Nesse mesmo ano, na Universidade de Utah, nos Estados Unidos, um grupo de fonoaudiólogos encabeçado por Roy et al (2004), desenvolveu um estudo epidemiológico que evidenciou ser o professor aquele profissional que apresenta maior incidência no que diz respeito a sinais e sintomas vocais em comparação à população geral. Mostrou ainda, que em consequência aos problemas vocais decorrentes de sua atividade laboral o professor é quem mais falta ao trabalho e os que mais alegações/reflexões fazem a respeito da mudança de ocupação no futuro em face de transtornos vocais.

Estima-se que cerca de setenta por cento do potencial de mão de obra com que pode contar o setor produtivo mundial dependa da voz profissionalmente. Entretanto, está na categoria daqueles que exercem o magistério o contingente de profissionais que mais demonstra vulnerabilidade em face das condições de trabalho, das relações sociais, de responsabilidades, de embates e de pressões que colaboram para torná-lo mais passível ao estresse.

No Brasil, pesquisas no âmbito do Direito que se voltem para a disfonia do professor como doença ocupacional são recentes. Em março de 2011, Deise Vilma Webber defendeu em sua dissertação de mestrado intitulada “Profissão Professor: desafios e possibilidades do Direito ambiental laboral frente ao mal-estar docente” que a recomendação da OIT/UNESCO (ANEXO 1) seja seguida em todos os sentidos, inclusive no que diz respeito à voz do professor³. Vai aqui uma observação, por parte de quem escreve esse trabalho, visto que no documento referido acima, ainda se percebe a ação de órgãos mundiais quanto a

³ Grifo da autora desta dissertação.

cuidados com a patologia já instalada, isto é, com a disfonia do professor.

Mundialmente, desde 1996 passa-se a cobrar que políticas de saúde que amparem a classe daqueles que ensinam no que diz respeito à tecnologia voz, sejam implantadas. No entanto, sente-se falta de medidas formativas e preventivas quanto à expressividade verbal e não-verbal para essa classe trabalhadora, de modo a evitar que ocorra o adoecimento do docente e indiretamente proteja os estudantes e zele pela melhoria da Educação, no planeta.

O professor no exercício de sua profissão necessita de uma voz equilibrada e projetada sendo que condições ambientais e estado de saúde geral podem concorrer para o desgaste vocal.

A preocupação por parte dos municípios e estados brasileiros quanto à criação de políticas públicas voltadas à proteção da voz do professor iniciou-se em 1998, na cidade de Diadema, estado de São Paulo. De lá, até 2007 algumas outras foram criadas como se pode verificar no quadro abaixo.

QUADRO 1 - Apresentação das Leis Segundo Número, Data de Promulgação e Ente Federativo PromulgADOR (n=28).

| Nº LEI | DATA | TIPO | CIDADE |
|---------------|-------------|-------------|-------------------------------------|
| 1652 | 14/04/1998 | Municipal | DIADEMA-SP |
| 1781 | 07/08/1999 | Municipal | SANTOS-SP |
| 7878 | 09/02/1999 | Municipal | SANTO ANDRÉ-SP |
| 3435 | 17/04/2000 | Municipal | JAU-SP |
| 2198 | 20/12/2000 | Estadual | MATO GROSSO DO SUL |
| 12046 | 17/07/2001 | Estadual | PERNAMBUCO |
| 6776 | 26/09/2001 | Estadual | ESPIRITO SANTO |
| 10893 | 28/09/2001 | Estadual | SÃO PAULO |
| 1992 | 13/12/2001 | Municipal | SANTOS |
| 5845 | 06/04/2002 | Municipal | GARULHOS-SP |
| 9100 | 21/02/2002 | Municipal | BELÉM-PA |
| 464 | 11/10/2002 | Municipal | SANTOS-SP (complementar) |
| 3220 | 11/05/2003 | Municipal | DISTRITO FEDERAL (inconstitucional) |
| 8014 | 28/11/2003 | Estadual | MATO GROSSO |
| 13778 | 02/11/2004 | Municipal | SÃO PAULO-SP |
| 1560 | 26/02/2004 | Estadual | ACRE |
| 6584 | 14/06/2004 | Municipal | MARING-PR |
| 3352 | 09/10/2004 | Municipal | TERESINA-PI |
| 2980 | 29/09/2005 | Estadual | AMAZONAS |
| 14939 | 14/12/2005 | Estadual | PARANÁ |
| 91355 | 05/01/2006 | Municipal | BELO HORIZONTE-MG |
| 5548 | 23/01/2006 | Estadual | PIAUI |
| 16077 | 26/04/2006 | Estadual | MINAS GERAIS |
| 2453 | 29/12/2006 | Municipal | UNAÍ-MG |
| 4479 | 14/06/2007 | Municipal | CAMPO GRANDE-MS |
| 1923 | 20/07/2007 | Municipal | DOMINGOS MARTINS-ES |
| 4878 | 27/07/2007 | Municipal | ITAJAÍ-SC |
| 1508 | 28/09/2007 | | MARACAJU-MS |

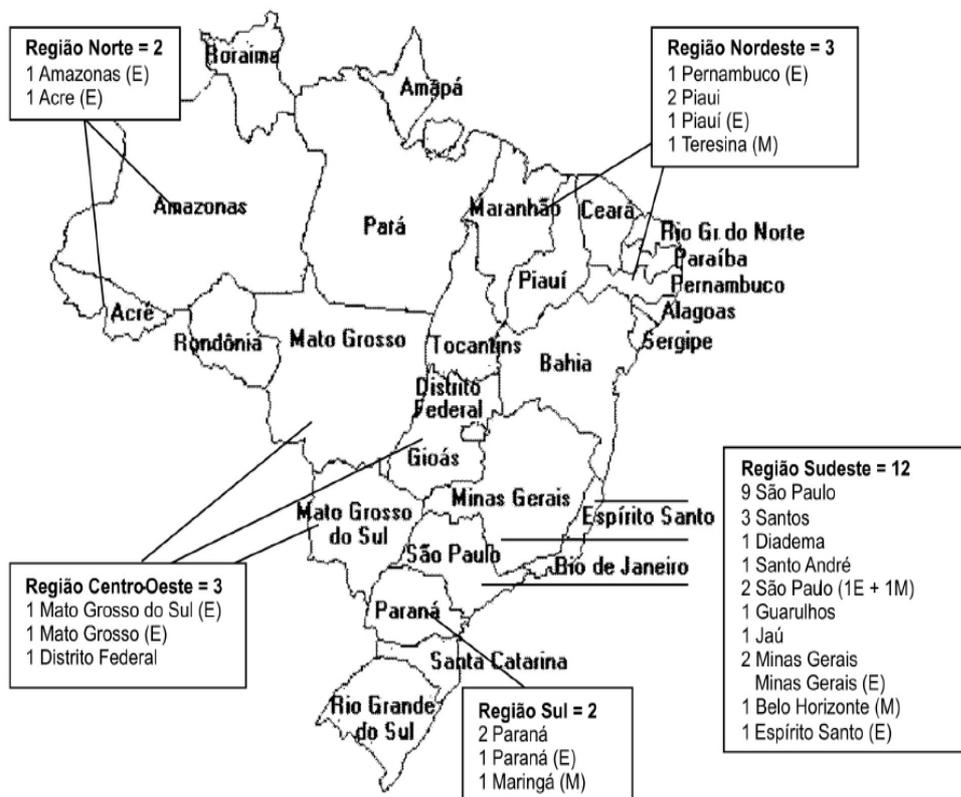
Fonte: FERREIRA et al., 1996.

Constata-se, portanto que muito ainda, há de se pesquisar, publicar e

divulgar a respeito da saúde vocal do professor.

Na figura que se segue, pode-se melhor visibilizar-se a distribuição dessa legislação por regiões brasileiras, asseverando a necessidade de se implementar nos demais estados política semelhante.

Figura 1 - Políticas públicas sobre voz do professor: caracterização das leis brasileiras



Fonte: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid= S1516_80342009000100003&script=sci_arttext>

Um desafio, ainda a ser vencido diz respeito ao aprimoramento da legislação vigente, no sentido de que sejam desenvolvidas dentro das políticas atuais de proteção à saúde vocal do professor ações preventivas, isto é, que aqueles que pretendam tomar a docência como profissão possam ter disponibilizado durante a formação inicial capacitações específicas, perenes e contínuas de como cuidar da voz. O que se tem hoje são leis municipais e estaduais que amparam o trabalhador docente após o adocimento. No entanto, o que se sugere é que haja mais investimentos por parte do poder público

em uma ação primária de saúde pois os prejuízos no âmbito do processo ensino aprendizagem, da qualidade de vida desses professores e de ordem financeira são imensos.

Dependendo de como é usada e do número de horas em que é solicitada, a voz profissional pode propiciar desgaste com consequentes alterações vocais, inclusive, a incapacidade de o trabalhador exercer adequadamente as suas funções.

Profissionais da comunicação são alguns dos que apresentam disfonia⁴, problema que desperta interesse devido à sua significância coletiva, pois aflige considerável parcela de pessoas, cujo trabalho, de inegável relevância social, depende de uma boa saúde vocal para sua satisfatória execução.

É de fundamental importância para o professor, quando usa o recurso do áudio, tornar-se um comunicador para que consiga atingir seu público de modo objetivo. Muito mais do que ter uma bela voz, como muitas pessoas acreditam, ele precisa envolver o aluno na mensagem educacional⁵ que está sendo formulada, a fim de que essa possa ser apreendida.

Portanto, o docente que pretende utilizar as mídias sonoras como mediadoras do processo educativo deve ser capacitado de modo a poder fazer uso desses recursos para obtenção de uma comunicação eficaz e, sobretudo colaboradora do processo pedagógico.

⁴ Disfonia - distúrbio da comunicação oral, no qual a voz não consegue cumprir seu papel básico de transmissão da mensagem verbal e emocional de um indivíduo. Uma disfonia representa toda e qualquer dificuldade ou alteração na emissão vocal que impede a produção natural da voz. Isto engloba não somente as alterações vocais, mas também as alterações cinestésicas que podem estar presentes sem um marcador auditivo específico. Assim uma disfonia pode se manifestar através de uma série ilimitada de alterações, tais como: desvios na qualidade vocal, esforço à emissão, fadiga vocal, perda de potência vocal, variações descontroladas da frequência fundamental, falta de volume e projeção, perda da eficiência vocal, baixa resistência vocal e sensações desagradáveis à emissão. BEHLAU, Mara (Org.). Voz: O livro do especialista. Volume I, Rio de Janeiro: Revinter, 2001. p. 66.

⁵ Segundo Pinto (2004, p.120-121) - Mensagem educacional compreendida como “um dos componentes pedagógicos essenciais para o estabelecimento de toda relação dialógica no processo de ensino/aprendizagem (na forma presencial ou a distância), uma vez que todos os atores envolvidos nesse processo - professores e estudantes - podem, a partir da mudança paradigmática da lógica da transmissão para a lógica da comunicação educacional, tornar-se autores e co-autores da composição, em permanente processo de construção, das mensagens educacionais coletivas. Entendidas como um espaço propício para o estabelecimento do diálogo (dentro da noção bakhtiniana), a partir da lógica da comunicação educacional.

1.3 Saúde vocal do professor

Protagonista da comunicação verbal, a voz, quando usada inadequadamente, pode trazer prejuízos às atividades profissionais e problemas de saúde. A falta de conhecimento sobre a importância de certos cuidados para a sua preservação pode ter como consequência o desencadeamento de vários distúrbios, que vão, em estágio inicial, desde edemas que causam rouquidão, a nódulos, pólipos, úlceras de contato, que podem inclusive impedir esses profissionais de desenvolverem suas atividades laborais.

De acordo com Carvalho (1986, p.35-36),

A boa impressão causada por quem fala de forma agradável e correta, sem gritar ou murmurar, sem atropelar palavras ou arrastar monotonamente a conversação, sem dramatizar exageradamente o que diz, mas dando um colorido vivo ao que narra, é fator de êxito em quase todas as profissões e na vida social.

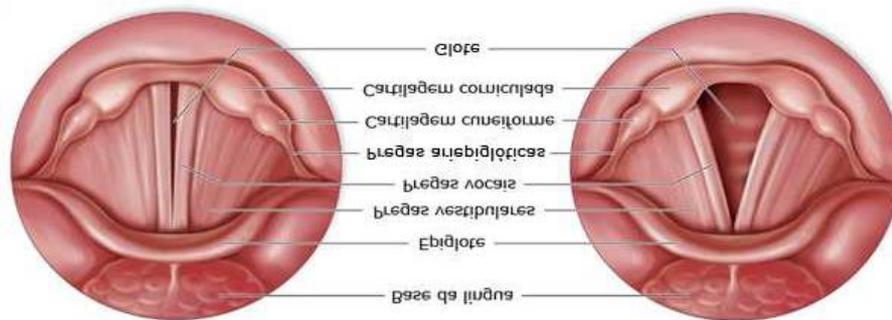
Para Koufman e Isacson (1991), o professor é um profissional da voz falada uma vez que pertence ao grupo de trabalhadores que dependem diretamente da voz para o seu sustento e de sua família.

O docente necessita desta tecnologia como requisito fundamental para o exercício de suas atividades. No entanto, há mais de vinte anos estudiosos do assunto como Calas et al (1989), Boone e McFarlane (1994), Oliveira (1995), Ferreira et al (1995, 1996 e 2000), Fabron e Omote (2000), Dragone e Behlau (2001), Behlau e Pontes (2001), Behlau, Nagano e Dragone (2004) dentre outros questionam o porquê não se inclui, tanto na formação do professor, como na sua educação continuada, conhecimentos a respeito dos cuidados com a expressão verbal e não-verbal desses profissionais.

Informações que trouxessem ao professor como ocorre a fisiologia de produção da voz poderiam ser de grande valia a esses trabalhadores da educação, uma vez que saberiam quais estruturas, órgãos e aparelhos necessitam ser acionados para a produção do som oral articulado.

A seguir segue uma breve explicação de como ocorre a fonoarticulação e que poderia ser passada ao professor: o ar que vem dos pulmões e passa pelas pregas vocais aproximadas, colocando-as em vibração, produz um som débil que ao ser amplificado pelos ressonadores faringonasais adquire volume e características próprias que são ainda modificadas e buriladas na boca: assim ocorre o processo fisiológico de produção da voz.

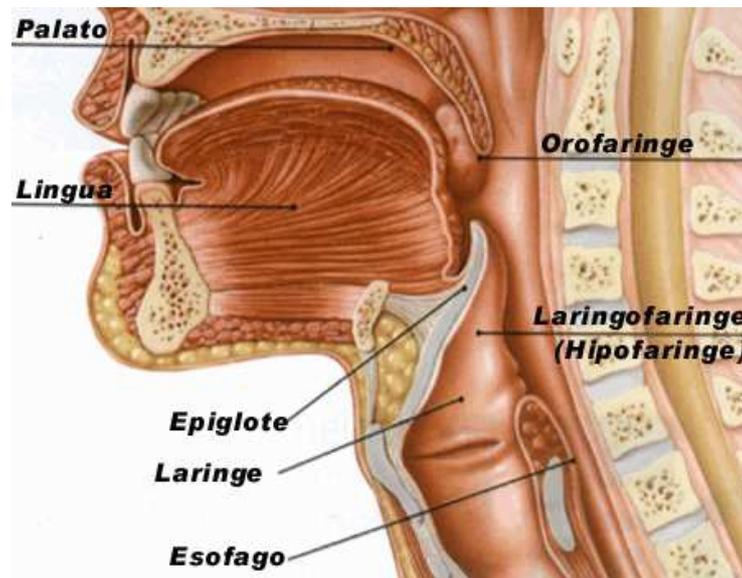
Figura 2 - Glote



Fonte: <<http://fonticaarticulatria.blogspot.com/2011/05/o-papel-das-pregas-vocais-vozeamento.html>>

A vibração das pregas vocais produz um som básico e frágil que percorre a estrutura superior da laringe, a faringe e as demais cavidades de ressonância como seios paranasais, nariz, cavidade oral e lábios. Ao chegar a boca o som é articulado com a participação de língua, lábios, dentes, bochechas e palato e assim se produz a fala. Este som agora, modificado, amplificado e com características únicas, individuais, configura-se na voz de um falante.

Figura 3 - Produção vocal



Fonte: Rev. Bras. de Saúde Ocupacional, 1995/1996

A emissão da voz exige uma ação associada de vários sistemas (nervoso, respiratório, digestório e endócrino), órgãos e estruturas do corpo humano que num esforço harmônico e simultâneo de cooperação realizam a função fonatória de modo a produzir uma emissão eficiente. Portanto, a voz é produto de um processo adaptativo, depende de uma série de condições físicas e envolve quatro elementos fundamentais: respiração, fonação, articulação e ressonância.

Kyriillos, Cotes e Feijó (2003 p. 19) consideram que a forma mais primitiva de comunicação entre os seres humanos dá-se pela voz e que reside nela a identidade de cada ser, como pessoa. Prosseguem afirmando que duas vozes idênticas não existem e que ela transmite os valores, sentimentos, sensações e estado interior de quem fala.

Para Amato (2010, p. 34), são várias as funções fisiológicas que interferem direta ou indiretamente na produção vocal. Uma delas, a audição, constitui-se função primordial na aquisição e desenvolvimento dos sons articulatórios e ainda na regulação da intensidade da voz.

Enfim, todo o corpo é exigido para que o homem possa comunicar-se

oralmente. Mello (1988, p. 48), afirma que para a formação da voz o ser participa como um todo.

Segundo Estienne (2004, p. 3 - 4), a voz depende:

[...] da laringe; do estado de saúde; das características morfológicas; da personalidade; da imagem que a pessoa tem de si mesma; da intenção e da função da mensagem; da suposta intenção; do estado emocional; e dos conhecimentos técnicos em matéria de voz.

A autora referida acima assevera que a voz também sofre influência dos hábitos familiares de fala, da moda, da época, do meio cultural e social, da língua falada e de quem a utiliza.

Vale ressaltar também que de acordo com Boone (1996) é importante que na maior parte do tempo a voz espelhe as emoções de quem a emite, do mesmo modo que é fundamental que as expressões do falante reflitam seus sentimentos. Para o autor, se uma pessoa deseja e precisa que os demais saibam quem ela realmente é deve, então, mandar-lhes sinais acurados. E uma das principais maneiras de se fazer isso é por meio da voz.

Le Huche e Allali (2004) consideram a voz como um fenômeno que comporta grandes variações, uma vez que ela difere de pessoa para pessoa e em um mesmo indivíduo ela varia sob diversos aspectos. Para clarificar, esses autores classificam as manifestações vocais com base em quatro pontos de vista:

1. no aparato vocal,
2. na expressividade da voz,
3. nas condições de sua utilização e, por fim,
4. na volição do sujeito e no tipo de dinâmica empreendida vocalmente por ele, com escala cambiante de conhecimento.

Colton, Casper e Leonard (2010 p. 5), nos estudos realizados para

compreenderem os problemas de voz referenciam-na como “uma parte integral de um atributo singularmente humano conhecido como fala.” Afirmam ainda, que além da função de transmissora de palavras, a voz gera musicalidade, é um meio de expressão do sentimento e revela o “eu interior” das pessoas, uma vez que reflete a personalidade do indivíduo.

A voz tanto pode: atrair quanto repelir o outro; revelar o estado físico do falante e da laringe; e ser considerada uma valiosa tecnologia que além de transmitir a mensagem, agrega valor ao seu sentido. Aprender a entender a voz é mais do que entender seu funcionamento mecânico é, sobretudo, constatar as significativas informações que ela revela sobre o falante.

Parece claro a autores e correntes que estudam a voz, que esta função desenvolvida pelo homem é de primordial importância para o seu desenvolvimento. Compreendê-la como tecnologia que pode ser aperfeiçoada, torná-la-á um dos pilares no processo de socialização e interação entre as pessoas.

Dessa forma, pode-se atribuir a expressividade vocal do professor uma dimensão sutil e decisiva na qual a ação pedagógica deve apoiar-se uma vez que, a profissionalidade do docente depende, inexoravelmente, da sua capacidade em dar sentido à realidade educativa⁶.

Segundo informações da Agência FAPESP (2008), em uma pesquisa realizada por duas universidades baianas, foi constatado que dos 747 docentes estudados, 91, 7% faziam uso intensivo da voz, 59,2% apresentavam rouquidão, 25,6% episódios de afonia e 12,9% nódulos de pregas vocais em estágio consideravelmente avançado. Dentre as queixas apresentadas as mais citadas foram: sensação de ressecamento (66,5%), coceira (51,5%), pigarro (49,7%) e dor (43,6%).

Penteado afirma que:

⁶ Grifo da autora deste trabalho.

Apesar dos avanços nas pesquisas fonoaudiológicas, ainda são poucos os trabalhos que se propõem ao aprofundamento da investigação dos aspectos subjetivos, como as percepções e as construções de sentidos de professores acerca do tema da voz/saúde vocal. (PENTEADO, 2007 p. 18).

Para Rocha (2003) “o objeto da Doença do Trabalho compreende o estudo do sofrimento, dano ou agravo pelo trabalho ou com ele relacionado.” No entanto, no Brasil, cabe ao Ministério da Previdência Social com base numa construção social, estabelecer a definição de acidente do trabalho e doença do trabalho, a partir do conhecimento científico real, das particularidades do processo de produção e conforme a possibilidade de pleitear dos trabalhadores.

Existe uma tendência mundial de considerar a disfonia como uma doença ocupacional. No entanto, apesar de comprovada a correlação entre uso profissional da voz e o número de casos de alterações na dinâmica vocal, é difícil estabelecer critérios que mostrem e comprovem que as condições de trabalho interferem e até mesmo causam tal patologia.

Penteado (2007), Gonçalves, Penteado e Silvério (2005) e Penteado e Bicudo (2003) indicam que a relação entre saúde e trabalho na escola exige um amplo entendimento do docente e do seu processo saúde-doença. Referem, também, essas autoras que a suposta diminuição de sensibilidade ao próprio sofrimento somado à complexidade em reconhecer e identificar sinais/sintomas de problemas vocais mais tênues poderia ser apenas um dos elementos de um cenário mais amplo e complexo que abrange as relações entre trabalho e saúde.

Penteado e Rossi (2006, p. 44) chamam atenção, ainda, para que haja maior investimento em pesquisas fonoaudiológicas que aprofundem os estudos sobre “aspectos subjetivos, como as percepções e a construção de sentidos de professores acerca do tema da voz/saúde vocal”.

De acordo com Penteado (2003) e Grillo (2004) as ações fonoaudiológicas que visem à saúde vocal do docente/ensinante necessitam ser ampliadas no aspecto da percepção e análise dos determinantes do processo saúde-doença

vocal de professores, deslocando o eixo patologia/tratamento para saúde/promoção e integrar os aspectos do cotidiano e da qualidade de vida que se relacionam à voz e à saúde vocal.

Tal temática exige, portanto, que sejam construídas práticas educativas capazes de estimular e possibilitar um processo reflexivo que leve à ação transformadora dos sujeitos, no que diz respeito à saúde, na prática diária.

Assim, considerada por Grillo e Penteado como elemento essencial para a prática profissional e para a atividade do docente na sala de aula, a voz é, ainda, singularmente tida como componente único da identidade do professor na sua atuação de sujeito agente de um fazer e dos processos interativos entre educador-educando e ensino-aprendizagem (GRILLO E PENTEADO, 2005).

Segundo Gonçalves et al (2000), as abordagens terapêuticas aplicadas ao problema dividem-se em duas vertentes: a) atendimento clínico individualizado, realizado em consultórios de fonoaudiologia, após instalação do quadro patológico e devido encaminhamento do otorrinolaringologista; e b) realização de projetos educativos e de prevenção primária, geralmente desenvolvidos dentro das escolas, visando divulgar para os professores noções de higiene e saúde vocal, abuso e mau uso da voz, além de despertar a atenção dos docentes para possíveis problemas do aparelho fonador e sua propedêutica.

Gargaglione (2003) chama a atenção para a necessidade em se estabelecer um ponto de partida no que diz respeito às prioridades relacionadas a um programa de saúde vocal para o professor, uma vez que ele deve ser anterior à avaliação pericial e que o docente deve ter incluído em sua formação o uso profissional da voz. Refere-se, ainda, a contínuas campanhas de cunho informativo e a capacitações periódicas durante sua vida laboral de modo que se obtenha a manutenção constante da saúde vocal.

Essa autora afirma também que:

A questão é multidirecional, é preciso avançar no olhar sobre a alteração vocal (...), o profissional da voz é muito mais do que uma laringe que produz som, a constante atualização em relação aos novos conhecimentos científicos nas áreas que envolvem o assunto como bioquímica, acústica, física, entre outros, é a chave da solução. (GARGAGLIONE, 2003, p. 36).

De acordo com Penteado (2007), as matérias que abrangem o processo saúde-doença-cuidado no que diz respeito à voz do professor necessitam ser abordadas, não apenas no âmbito das escolhas e preferências pessoais de estilos de vida e de hábitos relacionados à voz como também na área das discussões sobre o trabalho e o cotidiano, abarcando, portanto toda a coletividade escolar.

A voz do professor deve ser entendida como tecnologia a serviço da interação social, educacional e profissional merecendo ser preservada e também aprimorada, uma vez que influencia de maneira positiva ou negativa no processo ensino-aprendizagem, pois reside no discurso oral uma das principais práticas mediadoras do processo pedagógico.

*Quando eu soltar a minha voz por favor, entenda
Que palavra por palavra eis aqui uma pessoa se entregando
Coração na boca, peito aberto vou sangrando
São as lutas dessa nossa vida que eu estou cantando*

*Quando eu abrir a minha garganta essa força tanta
Tudo que você ouvir esteja certa que estarei vivendo
Veja o brilho dos meus olhos e o tremor nas minhas mãos
E o meu corpo tão suado, transbordando toda a raça e emoção.....*

Gonzaguinha

2 QUALIDADE E PSICODINÂMICA VOCAL

Após ter escrito sobre o universo da Educação, chega a hora de tratar do universo da Fonoaudiologia e sua inter-relação com a Educação. Esse mundo que encantou e fascinou esta pesquisadora, mais especificamente as trilhas já percorridas e as que ainda virão no aprofundamento sobre a voz humana, capacidade da qual foi dotada a espécie animal de modo a se comunicar, a manter sua identidade e identificar seu gênero. Sim, em todo reino animal as vozes daqueles que nasceram do gênero masculino têm características próprias que os difere daqueles que nasceram do gênero feminino.

A voz humana é assim cunhada. Única para cada ser, absolutamente individual, impressionantemente singular. Ao falar, todo o aparato fonatório imprime à voz as características anátomofisiológicas que são peculiares a cada um, inclusive as assimetrias, com as quais se nasce e cujos traços evidenciam-se nas linhas da qualidade vocal. O produto voz encerra em si os detalhes mais sutis, as nuances mais delicadas e profundas da alma e da mente. As alegrias, as tristezas, a suavidade, a aspereza, a tranquilidade, a agitação, a verdade e a inverdade que vão dentro de cada um. Todo o ser que se é está “tatuado a ferro, a fogo”, em expressão vocal viva. Moses (1948) afirma ser a audição, habilidade natural ao ser humano ouvinte, quem faculta o desenvolvimento consciente dos diversos matizes que identificam uma determinada voz.

Considera Abercombie (1967), qualidade vocal como as características que se fazem presentes, durante quase todo o tempo que uma pessoa está falando. Laver, (1980) com base na concepção de voz assimilada num âmbito mais alargado do que o de simples atividade laríngea, afirma que tanto as características laríngeas como as supralaríngeas colaboram para a qualidade vocal.

Para Kyrillos (2003 p. 26) a voz resulta do trabalho coletivo e colaborativo de vários órgãos, sob a influência de uma série de condições físicas abrangendo, a respiração, a fonação, a articulação e a ressonância. De modo que facilmente se percebe que seja qual for o problema de saúde que possa afetar um desses elementos causará interferência na voz. Portanto, a autora chama atenção para que se mantenha um corpo saudável, uma vez que é premissa

para a produção vocal adequada.

Laver (1980, p.14) refere haver uma configuração⁷⁷ apropriada que acontece em diversos pontos do aparato vocal que estabelecem distinções fonológicas ou paralinguísticas adequadas para particularizar toda a fala de um sujeito, de um grupo social ou de um grupo regional. Este autor chama essa configuração que ocorre simultaneamente em diferentes locais do aparato fonatório de “setting⁸ neutro”. Chun (2000) diz que para se atingir essa configuração neutra é necessário que:

- os lábios não estejam protruídos,
- a laringe não se encontre abaixada nem levantada,
- o diâmetro do trato vocal⁹ supralaríngeo mantenha-se aproximadamente uniforme ao longo de todo seu comprimento,
- as articulações orais anteriores sejam realizadas pela lâmina da língua,
- a raiz da língua não se encontre avançada nem recuada,
- a fauce¹⁰ não exerça constrição sobre o trato vocal,
- os músculos da faringe não contraiam o trato vocal,
- a mandíbula não esteja acentuadamente aberta nem fechada,
- o uso do sistema velofaríngeo cause nasalidade audível somente quando necessário para fins linguísticos,
- a vibração das pregas vocais seja periódica, que haja o uso eficiente do ar regularmente, sem fricção audível, com as pregas em total vibração glotal, sob tensão longitudinal moderada, tensão adutora moderada e compressão medial moderada (CHUN, 2000, p. 41 e 42).

As características acústicas da configuração neutra são bem determinadas considerando-se:

⁷ Grifo da autora deste estudo

⁸ “Setting” - configuração. Disponível em: <http://pt.bab.la/dicionario/ingles-portugues/settings#tr>. Acesso em 01 jun 2012.

⁹ O trato vocal é um tubo de ar fechado, de aproximadamente 17 cm de comprimento. Ele ressoa a uma frequência fundamental de aproximadamente 500 Hz. O formato do trato vocal fornece um filtro acústico dos harmônicos produzidos pelas pregas vocais. KEMP, Ernesto. Física da Fala e da Audição. Disponível em: < <http://www.ifi.unicamp.br/~kemp/f105wp/downloads/Parte6.pdf>. > Acesso em 02 jun 2012

¹⁰ Fauce - garganta. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/>. Acesso em 01 jun 2012.

[...] um indivíduo adulto do sexo masculino com o comprimento do trato vocal de aproximadamente dezessete centímetros e a laringe com dimensões normais quando o trato vocal apresentar aproximadamente um diâmetro equivalente ao longo de toda sua extensão e não houver a ocorrência de acoplamento com a cavidade nasal a frequência do primeiro formante¹¹ deverá ser 500 Hz [...] Sic. (CHUN, 2000, p. 42).

Qualidade vocal, ainda hoje referida por leigos como timbre, embora esteja esse termo, restringindo-se aos instrumentos musicais, constitui o conjunto de características que distinguem uma voz, de acordo com Behlau et al (2001 p. 91). Estas autoras consideram que a qualidade vocal é a resposta perceptiva que cada falante imprime no ouvinte, isto é, “a impressão total criada por uma voz” (ibidem, p. 91). Apesar da qualidade vocal variar segundo a situação de fala, o estado físico e as circunstâncias psico-afetivas do sujeito, existe uma marca própria de emissão que identifica cada ser. Esse padrão básico carrega em si indicativos marcantes da fonoarticulação de cada pessoa e permite ao seu interlocutor perceber por meio dessas informações extralinguísticas características como faixa etária, tipo físico, grupo social, personalidade e posição, determinação e intenção de quem fala (CHUN, 2000, p. 60).

Essa dimensão funcional da voz, segundo a autora citada acima se refere aos “marcadores fonéticos e linguísticos da fala” (ibidem, p. 60). Tais marcadores estão relacionados à forma como o sujeito que ouve imputa características próprias ao sujeito falante a partir daqueles signos e sinais singulares. Surge, portanto a necessidade de se entender os elementos extralinguísticos, em especial os paralinguísticos expressos na voz de um falante.

Na interação verbal, afora a compreensão do significado das palavras, impressões e características de quem fala podem ser abstraídas a partir da gestualidade, da expressão corporal, do contato que se estabelece por meio do olhar e da voz em si; essas são as informações chamadas paralinguísticas. (CHUN, 2000). Para Abercrombie (1967), a voz difunde informações significativas do

¹¹ Frequência do primeiro formante ou frequência fundamental é um parâmetro acústico que designa o número de repetições de ciclos de uma onda vibratória cujo correlato fisiológico corresponde ao número de vibrações das pregas vocais (abertura e fechamento). O correlato perceptual é o pitch.

falante que revelam ao sujeito ouvinte aspectos biológicos, psicológicos e sociais daquele que fala. Assevera, ainda, que os sons da fala não são ouvidos como qualquer outro som, uma vez que na oralidade, o som traz em si um significado linguístico.

Chun, (2000) ressalta, ainda, que via de regra, tanto a atenção daquele que fala quanto a de seus ouvintes está voltada aquilo que é dito, ao invés do como é dito, desprezando-se, portanto “o processo de produção vocal e seus efeitos na interação” (CHUN, 2000, p. 64). A autora chama atenção ainda, para a avaliação/análise de como os usos e contexto em que a voz é formada afetam e se revelam na produção da mesma, desnudando o dono da voz, isto é, “como a interação transforma a voz e quais as variações vocais decorrentes dos diferentes contextos de produção vocal” (ibidem, p. 65).

A partir deste ponto, entende-se que se faz necessário comentar sobre o termo psicodinâmica vocal ou como alguns autores assim preferem dinâmica da voz. Para Behlau e Pontes (1995) relacionar a voz aos aspectos psicoemocionais do falante constitui a psicodinâmica vocal. Esses mesmos autores referem-se também ao fato de que reside na audição o objetivo de proporcionar ao sujeito falante o feedback das dimensões não conscientes da sua voz.

De acordo com Feijó (2003 p. 63) a psicodinâmica vocal trata da “impressão que provocamos no outro segundo a forma como usamos a voz”. Isto posto, evidencia-se que é uma escuta acurada daquele que fala, quem vai possibilitar ao ouvinte, isto é, a percepção do som da voz por meio das diferentes entonações, e dos padrões rítmicos, melódicos e de vocalizações capazes de revelar sentimentos e estados interiores que configuram a psicodinâmica vocal.

Considera-se, ainda, que por meio dela o ouvinte levanta hipóteses sobre características simples do falante como gênero, faixa etária, origem e outros “como estrutura física, expressões faciais e até mesmo, a cor dos cabelos do interlocutor” (BEHLAU e PONTES, 1995, p. 127).

Colocam que é bastante complexo definir critérios para uma avaliação da

psicodinâmica vocal, em face do caráter individual do uso da voz e das mudanças que o falante realiza em função do momento e da conjuntura de comunicação. Behlau e Pontes (2001 p. 16) afirmam também, que “o padrão de voz que utilizamos faz parte da construção de nossa personalidade. Usamos a nossa voz do mesmo modo como nos comportamos no mundo”.

A maneira como as pessoas se sentem e se relacionam afetivamente pode ser percebido na fonoarticulação a partir de mudanças na entonação, de padrões rítmicos e melódicos e de vocalizações. Para Nogueira, “as emoções são sonorizadas pela voz, de maneira que, quando a pessoa fala, muitos sentimentos e estados interiores são revelados” (NOGUEIRA, 2010 p. 29). Deste modo, é possível ter-se a percepção por intermédio da voz dos estados emocional e interior de um falante. Com o fito de melhor esclarecer, exemplifica-se: a voz marcada pelo aumento da velocidade de fala e por curva melódica ascendente caracteriza um sujeito em estado de excitação e alegria. Por sua vez, curva melódica descendente e velocidade de fala reduzida, via de regra representa um sujeito em estado de tristeza e depressão.

Outros autores que contribuíram para a compreensão da psicodinâmica vocal foram Colton, Casper e Leonard (2010) ao referirem que a voz apresenta musicalidade, que é uma forma de expressão e que reflete para o outro as emoções do falante, denunciando/denotando seu estado interior, sua personalidade e seu estado físico. Dizem também que “desde as primeiras semanas de vida a voz é utilizada para expressar dor, prazer, desprazer e fome” (COLTON, CASPER e LEONARD, 2010 p. 3).

2.1 Impressões transmitidas pela voz

“Em suma: o dizer tem sua história”

Eni Orlandi

Na introdução do livro *Principles of Phonetics*¹² escrito por John Laver em 1994, este estudioso afirma que:

¹² *Principles of Phonetics* - Princípios de Fonética, livro escrito por John Laver em 1994.

[...] ¹³our social interaction through speech depends on much more than solely the linguistic nature of the spoken messages exchanged. The voice is the very emblem of the speaker indelibly woven into fabric of speech (LAVIER, 1994 p.2).

Um importante componente na comunicação interpessoal é a voz. Por meio dela, palavras, mensagens, sentimentos são transmitidos, assim como pode ocorrer ou não o sucesso das interações humanas, tanto no aspecto profissional como pessoal (BEHLAU, NAGANO, DRAGONE, 2004). Para Behlau (2001), “cada atividade profissional tem sua voz preferida ¹⁴”.

As três autoras citadas acima corroboram, ainda, que esse modo loquendi configura, “um padrão de emissão vocal e de comportamento associado que são mais aceitos e mostram-se mais eficientes” (BEHLAU, NAGANO, DRAGONE, 2004 p. 1). No entanto, é preciso frisar que nem sempre esse padrão vocal é o de uso da voz com o menor desgaste e a maior eficiência.

Diante do exposto, surgem as questões: Como é a voz preferida dos professores? Essa imagem de preferência revela a forma mais adequada para que professores enfrentem a demanda vocal? Ao avaliar várias salas de aula, depreende-se que o padrão escolhido por essa classe é de voz forte, de modo que todos escutem, com precisão articulatória, modulação expressiva, boa projeção, frequência fundamental média, velocidade de fala adequada ao assunto abordado, e com tendência à tensão. Consequentemente a resposta à segunda pergunta é não, uma vez que são inúmeros os problemas vocais nessa classe profissional.

Segundo Lüdke (1997) e Romanowski (2006), o professor é considerado o agente mais capaz de disparar uma série de fatores educativos que alimentarão a

¹³ [...] nossa interação social por meio da oralização da fala depende não apenas da natureza linguística da mensagem falada que proferimos. A voz é o próprio emblema do falante concebida em tecido de expressão.

¹⁴ Voz preferida - Quando nos referimos a voz profissional o termo voz adaptada parece ser insuficiente, podendo usar o termo voz preferida que contempla questões culturais de modismo. Como exemplo podemos citar a voz preferida do cantor de ópera é da qualidade clara com vibrato moderado, a voz preferida do operador de telemarketing é de qualidade limpa, sem rouquidão e com modulação variada, mas não excessiva. Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/medicine-and-health/otolaryngology/2014078-sua-voz-%C3%A9-normal-voz/#ixzz1yoTrm8EK>>. Acesso em: 23 jun. 2012.

formação sociocultural do indivíduo. Dentre os significativos recursos de transmissão do conhecimento, há o conjunto de relações interpessoais realizadas, a cada instante, durante a vida do ser humano. Ressaltam também, que é a relação entre o professor e seus alunos que possibilitará, ou não, o processo de aprendizagem.

Behlau e Pontes (2001) afirmam que uma relação interpessoal pode vir a ser influenciada pela psicodinâmica vocal, ou seja, pelo impacto psicológico que o comportamento vocal do falante causa no ouvinte. De modo consciente ou não se influencia o outro com a voz, do mesmo modo que se é influenciado pela voz do outro. Behlau, Nagano, Dragone, (2004) ressaltam que:

A forma como falamos reflete nossa personalidade e nossos sentimentos de forma positiva ou negativa, passando-se para o ouvinte imagens verdadeiras ou falsas sobre o de qualidade rouca ou áspera, costumam produzir uma impressão desagradável BEHLAU, NAGANO, DRAGONE, (2004, p. 2).

Dragone (2000) reforça o quanto a voz de um professor é importante em sala de aula e chama atenção também, para o impacto que causa uma voz desagradável. Essa autora refere ainda, que o estudante pode aproximar-se ou se distanciar mais do conteúdo escolar face à interação com determinado docente, e quantas vezes a psicodinâmica vocal do educador é responsável por isso.

O sucesso profissional daquele que ministra aulas pode estar diretamente associado a sua habilidade de estimular essa relação interpessoal positivamente, descobrindo as reais necessidades dos discentes, obtendo, portanto, um resultado positivo no que se refere à preparação desses estudantes para novas relações interpessoais que experimentarão durante seu percurso de vida (BEHLAU, NAGANO E DRAGONE, 2004).

Em sua dissertação de mestrado, Dragone (2000) revela ao universo da Fonoaudiologia dentre outros achados que a voz do professor é considerada por este profissional como um de seus principais meios de trabalho. No entanto, em face da ausência de treinamento vocal prévio somado a um conjunto de circunstâncias desfavoráveis ao ensino, o docente torna-se dentre o grupo de

trabalhadores que necessitam da voz para o desempenho de suas funções laborais o de maior risco para o desencadeamento de um problema de voz.

Nesse contexto, percebe-se o quão importante é para o professor receber informações sobre como a voz é produzida, bem como capacitações perenes, a respeito de como deve usá-la e os cuidados que precisa ter para conservá-la saudável com o decorrer do tempo. Considera-se que uma voz é/está saudável, quando atende plenamente às necessidades pessoais e/ou laborais daquele que fala e se preserva sem alterações ao longo da vida. É imprescindível ter a compreensão do que seja voz saudável a quem inicia uma carreira no magistério. Observar seu comportamento vocal deve ser um hábito durante o desempenho do trabalho, protegendo-se de desgastes e doenças da voz.

O ouvinte deve receber de seu interlocutor uma voz que realmente transmita a intenção do falante, com emissão clara e limpa, de modo que a situação de comunicação torne-se agradável e receptiva. O sucesso da interação em sala de aula está relacionado ao estabelecimento do vínculo professor-aluno necessário ao processo de aprendizagem. Dentre os diversos fatores determinantes estão a voz e sua psicodinâmica (BEHLAU, NAGANO e DRAGONE, 2004).

Essas autoras afirmam que:

No caso da voz do professor, a qualidade vocal e a forma de expressão influenciam na receptividade dos alunos a determinados ensinamentos. Isso é a psicodinâmica da voz, e ela é determinante no processo educacional. A maneira como os conhecimentos são transmitidos aos alunos pode despertar aversões a algumas matérias, ou mesmo a certos professores. A afetividade de uma voz pode tanto conquistar um aluno para o aprendizado como distanciar o seu interesse (BEHLAU, NAGANO, DRAGONE, 2004 p. 23).

De acordo com as pesquisadoras mencionadas acima são atributos necessários a um bom professor: dominar o conteúdo que aborda, planejar bem suas aulas, fazer uso de recursos didáticos modernos, atualizados e eficazes e conquistar, envolver os alunos com sua voz, passando-lhes confiança, afeto,

energia, segurança e, sobretudo respeito, alcançando assim seus objetivos educacionais de modo mais efetivo. Justifica-se portanto, a importância de que os professores compreendam os parâmetros da psicodinâmica vocal a fim de transmitir a emoção nos momentos adequados, exteriorizando ou não sua real emoção, como faz um ator. (ibdem, 2004).

A fim de evitar o abuso vocal é fundamental saber usar bem a voz em sala de aula. Um passo relevante em busca do uso adequado da voz é a reflexão acerca da psicodinâmica da própria voz e sua relação aos alunos, no que diz respeito à disciplina na classe, aproveitamento escolar, afetividade entre alunos e professor e ainda, no que concerne à produtividade do professor.

Embora as questões culturais, ambientais e de modismo influenciem na psicodinâmica vocal, há de se ter a clareza de que existem determinadas opções que são mais aceitas e outras que constituem verdadeiras barreiras à eficiência da comunicação.

A seguir serão transcritos alguns parâmetros vocais, associados à psicodinâmica vocal que levam o ouvinte a fazer determinadas interpretações da voz do falante.

Quadro 2 - Exemplos de parâmetros vocais e suas associações psicodinâmicas

| Voz do falante | Interpretação do ouvinte |
|--|--|
| Voz rouca | Cansaço, estresse, esgotamento |
| Voz soprosa | Fraqueza, sensualidade |
| Voz comprimida | Caráter rígido, tensão e emoções contidas |
| Voz monótona | Monotonia, desinteresse, repetição |
| Voz trêmula | Sensibilidade, fragilidade, indecisão ou medo |
| Voz infantilizada | Ingenuidade ou falta de maturidade emocional |
| Voz nasal (fanhosa) | Limitação intelectual e física, falta de energia, inabilidade social |
| | |
| Voz grave (grossa) | Indivíduo enérgico, autoritário |
| Voz aguda (fina) | Indivíduo submisso, dependente, infantil, frágil |
| Conversa em tons agudos | Clima alegre |
| Conversa em tons graves | Clima triste e melancólico |
| Pouca variação de tons na fala | Rigidez de caráter, controle das emoções |
| Rica variação de tons na fala | Alegria, satisfação, riqueza de sentimentos |
| Intensidade elevada (falar alto) | Franqueza, energia ou falta de educação |
| Intensidade reduzida (falar baixo) | Pouca experiência nas relações pessoais, timidez ou medo |
| | |
| Articulação definida dos sons da fala | Clareza de ideias, desejo de ser compreendido |
| Articulação imprecisa dos sons da fala | Dificuldade na organização mental ou desinteresse em se comunicar |
| | |
| Articulação exagerada dos sons da fala | Sinal de narcisismo |
| Velocidade lenta da fala | Falta de organização de ideias, lentidão de pensamentos e atos |
| | Ansiedade, pressa, tensão |
| Velocidade elevada da fala | Equilíbrio e calma |
| Respiração calma e harmônica | Pessoas ativas e enérgicas |
| Respiração profunda e ritmada | Agitação e excitação |

Fonte: BEHLAU; PONTES, 2001.

Para Kyrillos (2005, p. 27), a voz é “um produto resultante da interferência de múltiplos fatores, que interagem de forma única em cada indivíduo, produzindo um resultado específico que realmente identifica cada um”. No entanto, Barros Filho (2005 p. 41) afirma que a voz “é um objeto de construção social.” Para esse autor:

“ a voz é socialmente construída ao longo de uma trajetória de modelos de vozes. A construção de uma voz é não intensional e ocorre ao longo de uma trajetória – que não é uma simples trajetória de experiências – na qual seus pontos iniciais são definidores dos subsequentes” BARROS FILHO (2005, p. 41).

Portanto, o uso imediato e não refletido daquela ou desta modulação vocal, visto que se constate uma determinada situação social, resultará de uma determinada socialização, isto é, de uma formação que permita associar determinada situação à determinada voz, sem que haja necessidade de um policiamento consciente ou um controle externo. “A estratégia de locução/a voz é o ponto de tangência entre uma prática de locução incorporada em múltiplos espaços sociais possíveis de socialização e a percepção das condições materiais e sociais do instante da locução” (BARROS FILHO 2005 p. 42).

2.2 Naturalidade e técnica: a forma natural, clara e interativa de transmitir a aula

Acredita-se que um dos principais objetivos de um professor na prática do seu trabalho, seja lidar bem com as múltiplas interfaces do processo de educação. Dentre tantos agentes envolvidos nesse fazer, encontram-se o conhecimento bem alicerçado do conteúdo a ser ensinado, a habilidade para lidar com diferentes técnicas didáticas, um olhar acurado e dinâmico do grupo que está sob sua responsabilidade, bem como das necessidades dos alunos e ainda, a compreensão da dinâmica da interação entre professor e aluno. É de fundamental importância que o docente sinta-se bem emocional e fisicamente. Conforme já foi citado neste trabalho, a voz do professor é uma de suas tecnologias de trabalho e constitui o elo de inter-relação professor/aluno. Portanto, fica evidente que a voz do professor merece atenção, do mesmo modo que todo o processo de comunicação oral envolvido na aula (BEHLAU, NAGANO e DRAGONE, 2004).

De modo a auxiliar o docente na busca do equilíbrio vocal ao ministrar aula, essas autoras fazem específica orientação quanto ao uso da voz que seguirá abaixo:

Fale em intensidade moderada e num tom confortável para não provocar irritação nos alunos; Procure controlar a disciplina [...] com mudanças de atividades ou conduta, e não com gritos. Estabeleça algum sinal como bater palmas [...]; Quando estiver escrevendo na lousa, evite falar olhando para a classe. Isso provoca o mau posicionamento da laringe,; também não inale o pó de giz pela boca;

Articule com precisão as palavras, mas sem exagero. Boa articulação promove boa compreensão da mensagem e diminui o esforço das pregas vocais; Use o intervalo entre as aulas como repouso vocal, e não para abuso vocal em conversas ruidosas na sala dos professores;

Cuidado com dramatizações excessivas das aulas para não utilizar vozes que possam ser prejudiciais ao seu aparelho fonador. Explore as entonações, mas não exceda seus limites;

Cuidado com abusos vocais nos ensaios [...];

[...] lance mão de microfone sempre que possível;

Os professores de Educação Física devem lembrar-se de executar as ordens separadamente dos exercícios, para não ter tensão muscular durante a fonação;

Entonações de voz mais ricas fortalecem o conteúdo da mensagem e diminuem a probabilidade de fadiga vocal. (SIC) (BEHLAU, NAGANO, DRAGONE, 2004 p. 54).

Esta pesquisa tem como peculiaridade incitar fonoaudiólogos e professores à construção de um caminho que leve ambos à longevidade da saúde vocal daquele que ensina; da qualidade de vida desses sujeitos; e a melhoria da qualidade das interações pedagógicas. Em pleno século XXI, ainda se aborda o tema “voz do professor” como algo a ser trabalhado pelo fonoaudiólogo, apenas quanto à prevenção de problemas vocais. Arruda (2003), volta à questão de se focalizar a voz para além da prevenção de alterações vocais e destaca a relevância da expressividade oral na relação ensino-aprendizagem.

Em sua tese de doutoramento, Servilha (2000) descreveu e analisou as aulas de três professores do ensino superior, verificando ao final que mudanças na qualidade vocal surgem em diversificados contextos, quando se busca estabelecer acordos e negociações de sentidos, na interação com seus alunos, revelando-se como significativo elemento na dialogia ensino-aprendizagem.

Até a presente data são poucas as publicações científicas que têm abordado a voz do professor no sentido de uma tecnologia de informação e comunicação com foco na qualidade das interações entre estudantes e ensinantes.

A pesquisadora deste estudo sugere que se reflita // e tem dificuldade em compreender por que pouca relevância é dada a voz do professor e por que na maior parte das vezes, esse profissional que precisa falar com naturalidade não obteve em sua formação acadêmica, nem na educação continuada, ensinamentos que pudessem contribuir para que ele valorizasse a expressividade da comunicação? O professor deve chamar atenção pela forma natural, clara e interativa de transmitir as informações para os alunos.

De acordo com Stier (2005, p. 185), “o ato de falar interfere no pensamento do interlocutor. Portanto, a palavra tem o poder de transformação e para falar é preciso pensar, ainda que isto pareça um tanto óbvio”. A estruturação do pensamento e a segurança ao transmitir um determinado conteúdo asseguram a atenção do interlocutor e ser objetivo é um elemento que auxilia na recepção da mensagem.

Ao usar tecnologias de informação e comunicação na educação como webconferências, webtv, web radio, podcasts e outros recursos que transmitam voz e vídeo o professor deve apropriar-se de informações a respeito de como fazer uso dessas mídias, de modo que sua voz ganhe em qualidade e transmita credibilidade, característica fundamental ao texto educacional.

A utilização desses recursos exige que o professor trabalhe com significados e interprete naturalmente seus textos ou os construídos por outros docentes. A velocidade, as entonações, a modulação das frases, a intensidade e a frequência da voz, nesses casos, ocorrem naturalmente. No entanto quando se está diante de uma leitura com vícios como o uso de uma mesma velocidade de fala, do começo ao fim ou início e término de frases da mesma forma, isto é, de modo ascendente, com aumento da frequência, da intensidade ou prolongando a sílaba tônica da última palavra da frase ou o inverso de modo descendente abaixando a frequência e a intensidade no final da frase, torna-se o discurso monótono e desinteressante, levando o interlocutor, no caso do professor, o estudante a se distrair e tirar o foco de sua atenção para a mensagem educacional que se deseja transmitir.

Stier (2005,) afirma que esses falantes:

[...] trabalham com os significantes e esquecem o significado do texto. Sob o ponto de vista fonoaudiológico, manter a atenção sobre o texto é o primeiro passo para poder tornar viável o desenvolvimento de técnicas de voz e de prosódia que melhorem a expressividade de uma narração (STIER, 2005, p. 186).

Há de se tomar cuidado com as falantes do gênero feminino com vozes mais agudas, pois têm como característica enfatizar todas as palavras de uma frase sem perceber que acabam perdendo a finalidade da ênfase e a possibilidade de passar a intenção desejada. Ledo engano, pensar que o grau de compreensão aumenta à proporção que palavras valorizadas são utilizadas excessivamente. O uso exagerado das ênfases compromete a interpretação, uma vez que torna todas as palavras importantes, perdendo-se a ideia principal (ibidem, 2005). Situação semelhante ocorre quando o prolongamento das vogais em uma determinada sílaba se faz frequente, uma vez que esse uso rouba a finalidade da entonação, além de marcar a palavra, podendo ser considerado como ruído de narração e não ênfase propriamente dita.

Outro cuidado que se deve ter, refere-se à tonicidade de cada palavra que também deve ser observada, de modo que não se desloque a sílaba tônica para outra não-tônica, evitando-se comprometer as características próprias da palavra e seu significado. Ressalte-se que tal mudança é observada com certa constância e transmite àquele que escuta falta de percepção de que falta ao falante percepção no momento da fala. Reflete-se nessa situação mais uma vez a atenção voltada aos significantes. A leitura voltada para o significado da palavra, dificilmente ocorre com alteração da tonicidade desta mesma palavra. Inúmeras palavras, por si só são marcantes, fortes e a ênfase em local inadequado pode retirar seu significado. Na fala espontânea, as ênfases acontecem naturalmente, e a intenção sempre está vinculada à imagem mental que propicia alcançar a ideia. Em vídeo aulas ou similares é preciso imaginar que do outro lado há um interlocutor, assim fica mais claro para o falante perceber que as pausas devem ocorrer naturalmente e as ênfases serem produzidas de maneira mais verdadeira e natural, segundo Stier (2005).

A autora desta pesquisa comunga com as afirmações de ibidem (2005), no que se refere à fluência e a entonação, uma vez que são essas características que conferem à fala os elementos que a conectam. Os rápidos ajustes na

intensidade, na frequência fundamental e na velocidade da fala, em harmonia com a finalidade do discurso, caracterizam as variações na prosódia.

A velocidade de fala e o ritmo são outros dois parâmetros determinantes na qualidade de uma comunicação, tanto presencialmente quanto por meio de mídias áudio e/ou vídeo. A escuta atenta do ritmo da fala de um sujeito revela ao interlocutor, se o discurso está sendo lido ou simplesmente falado. É justamente, essa naturalidade na qual as palavras se unem de modo harmonioso, que se busca na fala do professor quando for utilizar recursos de áudio ou de vídeo.

Para Reboul (2004), o ritmo usado ao se proferir um enunciado/uma fala é a música do discurso, que o transforma em expressão harmoniosa e mais fácil de ser retido. Stier (2005) afirma que, residem na velocidade da fala e nas pausas as características do ritmo. Ao se utilizar o recurso de gravar uma aula em vídeo deve-se orientar o professor de modo que faça uso de uma velocidade de fala um pouco mais acelerada do que a de uma conversa espontânea, porém ela não deve ser artificial. Para cada assunto usa-se uma velocidade determinada. Variações de ritmo devem ser empregadas em um mesmo texto. Tanto a veracidade da narração, quanto o domínio sobre um determinado assunto são conferidos pelo ritmo adequado do discurso.

Essa autora revela ainda, que a qualidade da narração é definida pelo parâmetro pausa e que a forma de realizá-la na fala é diferente em cada sujeito. Outro dado importante diz respeito à pausa na leitura que é diferente da empregada na fala. Na leitura, ela é considerada adequada quando acontece obedecendo a pontuação, como ponto, vírgula, ponto e vírgula, dois pontos. E a maneira de se realizar a pausa interfere significativamente na compreensão. Enfim, as pausas auxiliam na expressão, na espontaneidade e na naturalidade. Borrego (2005) afirma que existe uma maneira de ser convincente e prender a atenção do ouvinte, a partir do momento:

[...] quando a expressividade e a naturalidade estão presentes na comunicação, pois, só assim, [...] consegue traduzir com precisão a verdadeira mensagem que se deseja trocar com o outro. (BORREGO, 2005. p. 159)

2.3 Os recursos vocais e a linguagem midiaticizada.

Em inúmeras áreas do trabalho, a exigência para o sucesso profissional está em se comunicar bem. Muito se tem falado, estudado e pesquisado sobre a qualidade vocal do profissional da voz. Adequar a voz não é sinônimo de êxito. Emocionar o outro com sua emissão, isto é, crer e fazer crer no que se fala é a chave para uma comunicação efetiva.

Neste item da dissertação, buscou-se mostrar como proporcionar aos docentes que trabalham com as TIC que exijam as mídias áudio e vídeo, informações e capacitações que lhes permitissem falar profissionalmente sob a perspectiva da comunicação como um todo, partindo-se de uma revisão dos processos de comunicação natural e discutindo um modelo para que a comunicação profissional seja trabalhada. Em especial, a condução da mensagem educacional.

Quando um profissional da voz procura um fonoaudiólogo geralmente traz queixas como: “distúrbio vocal” ou “minha voz era legal, mas não durava” ou “gostaria que minha voz tivesse mais brilho, mais flexibilidade”. Mesmo que todos no início tivessem ido à busca de atendimento por algum distúrbio, em algum momento solicitavam outro tipo de atenção (PANICO, 2005).

A adaptação do comportamento vocal do sujeito que usa a voz profissionalmente envolve o ajuste à atuação profissional e à conscientização dos recursos a serem utilizados para o fomento no seu desempenho. Em ambas as possibilidades, deve-se pretender a melhora da comunicação como um todo, a eficácia da transmissão da mensagem. Para se alcançar essa performance, muitos parâmetros devem ser observados, uns universais e outros específicos para cada profissão.

A ação de se comunicar é significativamente complexa e abrange recursos diversos, que podem ser usados com distintas habilidades. Inicia-se pela escolha das palavras que vão constituir a mensagem, do tema e finda no modo como é dita, nos gestos e na postura que será enredada. Isto posto, afirma-se que no aspecto forma, a comunicação envolve dois enfoques: o verbal e o não

verbal. O aspecto verbal diz respeito ao conteúdo da comunicação falada ou escrita, isto é, implica na escolha do texto, nas palavras que vão estruturar a mensagem. A expressão não-verbal refere-se à voz, gestos e posturas adotados durante a ação comunicativa. Assim, entende-se que a voz é apenas uma das direções desse intrincado processo (PANICO, 2005).

Esta autora, afirma ainda, que tais recursos envolvem aptidões particulares e dependem de experiências anteriores, razão da diferença entre os falantes. São várias, as profissões e dentre elas está a docência, nas quais saber comunicar-se bem extrapola as questões de aptidão e se torna uma exigência para o profissional. Ao usar a comunicação profissionalmente é necessário que esse falante tenha o domínio completo das estratégias que podem ser usadas no ato comunicativo.

Portanto,

[...] a expressividade é o produto do bom uso dos recursos disponíveis, considerando as exigências específicas de cada situação de comunicação, que podem variar, inclusive dentro da mesma profissão. [...] Ser um bom falante traz vantagens tanto profissionalmente como na vida pessoal. [...] Fazer-se entender, trocar ideias e emoções faz com que o indivíduo seja mais bem adaptado e feliz (PANICO 2005, p. 45).

Tais afirmativas levam a se concluir que a fala precisa ser minuciosamente elaborada com objetivos específicos, e assim, deixa a condição de ato natural e passa a ser um ato construído. Construir a fala em nada significa provê-la de falsidade. Muito pelo contrário, a naturalidade é uma exigência em inúmeras profissões, nas quais se usa a comunicação como pressuposto para qualquer pessoa que usa a comunicação profissionalmente.

2.4 Voz do professor instrumento ou tecnologia a serviço da Educação.

Historicamente atribui-se ao trabalho docente o papel representativo de carreira eclesiástica (sacerdócio) ou dever, exigindo muitas vezes dedicação, disponibilidade, abnegação, sacrifício, humildade, e submissão. Provavelmente, por essa conotação e frente ao peso das responsabilidades e compromissos impostos a esses profissionais da educação no cotidiano, eles, via de regra,

privilegiam o desempenho do seu trabalho em prejuízo de várias experiências no campo de vida privada e do cuidado, atenção e dedicação com a própria saúde.

Muitas vezes, o professor se submete a longas jornadas de trabalho e tem grande responsabilidade de transmitir informações a seus alunos, que nem sempre estão dispostos a recebê-las e as transformar em conhecimento. Seus intervalos para descanso e alimentação geralmente são curtos e os salários que recebem, via de regra não correspondem ao esforço, dedicação e quantidade de horas de estudo que dispensam às atividades docentes.

Aliado a isto, salas mal ventiladas, empoeiradas, sem proteção acústica para minimizar ruídos internos e externos, problemas na organização do trabalho, relações sociais estressantes, indisciplina, desrespeito e violência, são condições, adversas à saúde, inclusive a vocal, pois predispõem o indivíduo às irritações laríngeas, ocasionando alterações vocais. Ver relatório (APÊNDICE B) elaborado por esta pesquisadora, de um espaço construído para abrigar salas do Centro de Educação de uma universidade pública federal da região nordeste e as implicações que poderão advir face às fragilidades encontradas nesse local de trabalho.

Para Alves (2009), “situações de estresse podem contribuir para as condições de mau uso e abuso da voz, gerando esforços e adaptações do aparelho fonador, deixando o profissional mais propenso ao desenvolvimento de disfonia”.

Sabe-se, no entanto, que a dinâmica da voz traz em si, particularidades sobre a melodia, o alongamento da vogal, o volume (alto/baixo), o ritmo e a velocidade de fala. Sendo assim, a voz do professor deve ser entendida como uma tecnologia a serviço da interação social, educacional e profissional merecendo ser preservada e também aprimorada. Afinal, o sentido implícito de uma mensagem é transmitido pela voz. É ela que fornece informações tipo: estou ansioso, estou nervoso, sou autoritário, sou tímido e sou/estou inseguro.

Considerada por Grillo e Penteado (2005) como elemento essencial para a prática profissional e para a atividade do docente na sala de aula, a voz é, ainda,

singularmente tida como componente único da identidade do professor na sua atuação de sujeito agente de um fazer e dos processos interativos entre educador-educando e ensino-aprendizagem.

De modo a se obter melhor compreensão do papel e dos efeitos que voz e corpo, ou melhor, que a expressividade verbal e não-verbal podem assumir na dinâmica comunicacional dos sujeitos e neste caso em especial de professores e alunos com o vistas à melhoria das interações pedagógicas, alguns conceitos devem ser aqui discutidos, compreendidos e reflexionados.

Diante do exposto se faz mister distinguir se a voz deve ser considerada como um instrumento ou como uma tecnologia? Qual a diferença entre esses dois conceitos? Instrumento ou tecnologia, afinal este trabalho refere-se ao uso adequado e à preservação de uma capacidade do ser humano, utilizada a bem do processo ensino aprendizagem em suas duas modalidades - presencial e a distância. Desde o início e durante o desenvolvimento do presente estudo, questões como: por que, até hoje a expressividade verbal daquele que ensina é tão negligenciada? Vive-se a era da informação e comunicação, no entanto, na educação formal, na escolarização há uma inércia científica em relação a pesquisas sobre o potencial de interação que existe entre a voz do professor que conduz a mensagem educativa e a aprendizagem de seus alunos. Por quê?

O potencial existente na comunicação humana falada é de tamanha riqueza e multiplicidade que deve ser inserida na prática docente, de maneira a impulsionar e a facilitar as interações pedagógicas. O que se percebe é que a voz humana é vista, ainda hoje como instrumento de comunicação, na prática pedagógica. Isto é, ela é usada sem a finalidade de ser facilitadora da aprendizagem. A voz tem sido encarada, no momento em que se ensina de maneira dissociada do processo. Ela é usada em sala de aula desconectada da prática docente. É como um instrumento extra, um algo a mais que não está de fato em consonância com as ações do professor.

O uso da voz integrada à prática pedagógica do professor confere a ela o papel de tecnologia, uma vez que passa a fazer parte do conjunto de estratégias que este profissional dispõe para alcançar seus objetivos. Ou seja, atingir

essa integração permite que esse recurso contribua com o processo de aprendizagem do aluno, “que lhe permita compreender, ter acesso, explorar diferentes aspectos do saber em cena” (BITTAR, 2011, p. 159).

“Se você tem uma maçã e eu tenho uma maçã e nós trocamos as maçãs, então você e eu ainda teremos uma maçã. Mas se você tem uma ideia e eu tenho uma ideia e nós trocamos essas ideias, então cada um de nós terá duas ideias”.

Bernard Shaw

*Palavras, coisas etéreas e fracas, meros sons.
No entanto, é delas que o nosso corpo é feito.
O corpo é a palavra que se fez carne:
um ser leve que voa por espaços distantes,
por vezes mundos que não existem,
pelo poder do pensamento.
Pensar é voar...
É o poder de sonhar que nos torna humanos!*

Rubem Alves, 2000

3 PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 Primeiras escutas: a base da pesquisa colaborativa

Esta pesquisa, de cunho qualitativo, foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa - CEP, da Universidade Federal de Alagoas sob nº 921837/2010-13.

Conseguir obter respostas para problemas a respeito de um determinado tema exige o emprego de procedimentos científicos. Para tal, devem obedecer a regras claras, sistemáticas e objetivas que permitam ao investigador refletir acerca das informações colhidas com base em conceitos e conhecimentos já existentes, estabelecendo um diálogo formal e profícuo que resulte em novas respostas.

O presente estudo ocorreu no Centro de Educação (CEDU), no Instituto de Matemática e no Instituto de Física de uma IES pública da região nordeste, no período de agosto de 2010 a julho de 2011. A escolha dessas três unidades deu-se, primeiramente, em face de estarem nelas localizados cursos de graduação que entregam à sociedade licenciados e, ainda, por ofertarem tais oportunidades de formação tanto na modalidade presencial, quanto a distância. Esses espaços formativos de professores tornam-se lócus privilegiados para que o docente do século XXI que está sujeito ao uso das tecnologias de informação e comunicação na educação, reconheça-se como profissional da voz, valorizando, portanto, a melhoria da qualidade das interações pedagógicas na educação superior, sua saúde vocal e sua qualidade de vida.

Os critérios de inclusão para os sujeitos dessa investigação foram: ser professor desta instituição; ministrar no mínimo quatro horas aula semanalmente; estar no exercício do magistério superior há pelo menos dois anos; e ter entre 25 e 60 anos.

De modo a se obter o máximo de ganho tanto na expressividade verbal, como não verbal, para aqueles que ministram aulas nesses cursos, decidiu-se pela pesquisa qualitativa na modalidade pesquisa colaborativa, que vem a ser uma extensão da pesquisa-ação. Isso porque, a pesquisadora desse estudo buscou transformar a prática docente, avançando para processos formativos e

intervencionistas, que auxiliariam na mudança de suas ações no que diz respeito ao uso da voz em ambientes presenciais e mediados e na reflexão sobre os resultados. Apenas se consegue transformar uma prática a partir do momento em que se permite ao sujeito estar em contato com ela e vislumbrar as mudanças e o crescimento possíveis de se atingir.

Para alicerçar essa pesquisa, buscou-se fundantes metodológicos em Ibiapina, (2008 p. 20) que defende ser a pesquisa colaborativa aquela que:

[...] proporciona condições para que os docentes reflitam sobre a sua atividade e cria situações que propiciam o questionamento de aspectos da prática profissional que preocupam os professores.

A escolha por essa modalidade de pesquisa está firmada em duas bases: na construção de saberes, uma vez que se pretende construir junto com os docentes um conjunto de habilidades que lhe permita usar adequadamente não só a sua voz, mas, sobretudo sua expressividade verbal e não verbal para uma comunicação eficaz e, sobretudo colaborativa do processo pedagógico; e na formação continuada desses agentes da educação como professor-pesquisador conforme se refere Elliot (2003), uma vez que esse processo de reflexão compreende a prática docente em uma perspectiva de aperfeiçoamento contínuo.

Optar por essa variante deveu-se, ainda, à capacitação continuada do educador que ao usar recursos de mídia áudio ou mídia vídeo, necessita estar preparado para utilizar os recursos verbais e não verbais de maneira que a mensagem educacional atinja seu público ouvinte - o estudante, de modo a promover uma aprendizagem significativa.

O docente deve estar, desde sua formação inicial, conscientizado de que o modelo comunicativo é altamente mutável e que continuamente deverá aderir a capacitações formativas que o auxiliem no constante processo de desenvolvimento profissional. Ele desenvolverá o sentido de que sua voz é muito mais que um simples instrumento usado para ministrar aula, é uma tecnologia em favor do processo ensino aprendizagem, pois se tornará efetivamente

parte do aparato de estratégias das quais esse profissional planejará para atingir seus objetivos pedagógicos.

Necessário se faz chamar atenção para a metodologia utilizada nesta pesquisa, visto que ela está voltada à melhoria do processo ensino-aprendizagem, da saúde vocal do professor e de sua qualidade de vida tanto em ambientes mediados, como presenciais. O ambiente mediado exige o uso de uma linguagem apropriada a depender da mídia que se vai utilizar. Ministrar aulas fazendo uso somente do recurso de áudio e/ou do recurso áudio e vídeo exigem desempenhos distintos entre si e entre o modo a ser veiculado.

Essa é mais uma das razões pela escolha da pesquisa colaborativa, uma vez que os conhecimentos para o uso da tecnologia voz serão coproduzidos face à reflexão dos professores sobre a sua atividade relacionada aos aspectos da prática profissional.

Investigar colaborativamente significa envolver pesquisador e professores em projeto comum que proporcionem benefício ao ensino e o desenvolvimento profissional do docente.

No contexto colaborativo, contou-se também com o auxílio de uma aluna bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica -PIBIC e mais duas estudantes colaboradoras do mesmo Programa, que foram de relevante valor na época da coleta de dados para esta dissertação. De um total de trinta e sete docentes (doze do Instituto de Matemática, dezesseis do centro de educação e nove do Instituto de Física) estimados para fazerem parte dessa pesquisa, doze sujeitos dispuseram-se efetivamente, a participar, após abordagem direta dessas alunas.

Como primeiro momento deste estudo, buscou-se analisar, por meio da avaliação perceptivo-auditiva, da qualidade da voz, da variação do loudness¹⁵ e do pitch, do alongamento da vogal, da velocidade de fala, da pausa e da

¹⁵ Loudness - é a sensação psicofísica relacionada à intensidade, ou seja, como julgamos um som, considerando-o forte ou fraco. BEHLAU, Mara (Org.). Voz: o livro do especialista Volume I. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.

articulação, presentes durante a gravação, no software Audacity 2.0¹⁶, da leitura de um texto padrão (APÊNDICE C) realizada pelos professores, e da fala espontânea na qual o sujeito da pesquisa fazia uma breve apresentação pessoal (nome, formação acadêmica e disciplina(s) que leciona), que permitiram durante o processo investigatório, identificar novas competências e habilidades voltadas a questões de expressividade da fala.

Nessa etapa foi também solicitado aos sujeitos da pesquisa que respondessem a um pequeno questionário (APÊNDICE A) de modo que se pudessem obter algumas informações, sobre o que esses docentes conheciam a respeito de sua própria voz. Dentre os participantes do estudo, sete são do gênero masculino e cinco do gênero feminino, todos responderam o questionário, cuja análise das respostas está descrita no item 3.2 desta seção.

Apesar de ser um momento no qual a pesquisadora imprimiu todo o seu conhecimento técnico para coletar as informações que corroborariam com a resposta prevista pela pergunta problema como já descrita à página 16, ela manteve claro o papel de mediadora entre o sujeito que pesquisa e os sujeitos pesquisados.

Nessa fase da investigação foi necessário empenho ético da investigadora, uma vez que precisou abandonar o que Ibiapina (2008, p. 110), chama de “onipotência interpretativa”, de modo a direcionar seu olhar para os dados obtidos, além das suas possíveis compreensões. Cabe mencionar que essa etapa foi por demais difícil, pois exigiu uma escuta crítica, criteriosa, isenta, sem se dissociar do papel de fonoaudióloga especialista em voz no lócus daquela que está no curso

¹⁶ Audacity - é um software livre de edição digital de áudio. O Audacity é muito popular entre os podcasters pelos seus recursos de edição, sua grande disponibilidade em múltiplas plataformas, suporte e licença aberta que permite ao programa ser gratuito. Alguns dos recursos do Audacity incluem: importação e exportação em formato WAV, MP3 (via LAME, copiado separadamente), Ogg Vorbis, e outros; gravação e reprodução de sons; edição simplificada com Cortar, Copiar, Colar e Apagar; desfazer ilimitados para qualquer passo; mixagem em múltiplas faixas; efeitos digitais de som e mais plug-ins de efeitos; edição de amplitude sonora em formato envelope; remoção de ruídos; suporte para modo multicanal, com taxa de amostragem de até 96kHz e 24 bits por amostra; a habilidade de alterar a velocidade do som, sem alterar sua altura, para sincronização perfeita com vídeo (em dublagens); facilidade de uso. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Audacity>. Acessível em 24 jun 2012.

de uma pesquisa. Descolar-se do papel clínico para o papel de investigadora foi tarefa árdua.

Avaliar as respostas, mantendo-se como pesquisadora requereu retomar várias vezes às leituras de Ibiapina (2008), Fiorentini (2006), Elliot (2003), Celani (2003) e Kemmis e Wilkinson (2002) de maneira que a busca da escuta investigativa superasse a escuta intervencionista da profissional fonoaudióloga. Nesta fase, a pesquisadora apresentou também, uma síntese do que considera ser um processo colaborativo, mantendo um olhar, por excelência, atento e acurado “ao que pensavam e sabiam os partícipes a respeito da atitude de colaborar na pesquisa e na educação” (IBIAPINA, 2008, p. 38).

Conjuntamente a essa ocorrência ouvia-se as vozes dos demais professores envolvidos no estudo, refletindo sobre suas práticas e compreendendo o quão relevante é cuidar de sua principal tecnologia de trabalho, a voz, uma vez que mantê-la adaptada, auxilia, por demais, a ter o aluno atento na sala de aula tanto na modalidade presencial, quanto na modalidade a distância. Além do mais, esta etapa teve a função de sensibilizar os colaboradores para o momento seguinte.

O passo seguinte foi o de informar, por meio de palestra ilustrativa, aos docentes sujeitos desse estudo, o quão importante é para sua saúde geral a conservação de sua tecnologia de trabalho - a voz, e o quanto é necessário investir na expressividade oral e na expressividade corporal para a melhoria do processo ensino-aprendizagem.

Imediatamente após avaliar todas as informações colhidas e as analisar à luz da metodologia escolhida como delimitadora desta pesquisa, que ocorreu entre o final do mês de maio e o início do mês de junho de 2011 e cerca de dez dias após o encerramento da gravação das vozes e resposta ao questionário, aconteceu a oficina específica de expressividade verbal e expressividade corporal de maneira a serem trabalhadas a qualidade e a longevidade vocal dos participantes da pesquisa.

Como afirma Ibiapina (2008, p. 65), “o mergulho consciente no mundo” da experiência e das interrelações pessoais ocorridas nas etapas deste estudo contribuíram para que professores e pesquisadora valorizassem os processos colaborativos no apoio e no crescimento profissional, bem como no vigiar e cuidar de seu aparelho fonatório de modo a alcançarem longevidade na qualidade da voz e maximizar a sua qualidade de vida.

Assim, foram criadas condições para ressignificar a prática docente quanto ao uso da tecnologia voz e transformá-la, à luz dos conhecimentos construídos pela transitoriedade entre a Fonoaudiologia e a Educação. A partir do uso consciente e adequado do aparato fonatório o profissional docente passa a questionar as estruturas materiais de trabalho e os limites impostos à prática, com vistas a transformar as condições que lhe são impostas ao ministrar suas aulas, alcançando assim mais um passo no desenvolvimento profissional.

No curso dessa pesquisa, indagou-se a realidade educativa na qual investigadora e educadores trabalharam conjuntamente na implementação de mudanças e na análise de problemas, “compartilhando a responsabilidade na tomada de decisões e na realização das tarefas de investigação” (IBIAPINA, 2008, p. 23). Esse momento foi também muito marcante, à medida que os sujeitos reconheciam e identificavam as suas limitações e fragilidades no ambiente de trabalho, ao tempo que associavam às dificuldades em manter a voz adaptada face à realidade laboral.

Nessa perspectiva os professores, sujeitos da pesquisa, tornaram-se coconstrutores do conhecimento produzido no estudo, uma vez que se obteve a construção de um discurso, cuja tessitura contou com a participação específica e efetiva desses atores.

Outro ponto que caracterizou esse trabalho como pesquisa colaborativa, teve seus alicerces embasados na arquitetura desenhada sob os princípios da co-produção de saberes nos quais o conhecimento fonoaudiológico imbricou-se ao uso da voz do professor em sua prática educacional, de maneira que a partir da reflexão, fosse possível construir-coletivamente uma proposta de programa que envolvesse a expressividade verbal e não verbal destinada ao professor que utiliza ambientes

mediatizados para transmitir a mensagem educacional. Assim, professores e pesquisadora estudaram o cotidiano daquele que ministra aulas no ensino superior e como resultado dessa interação e ação propuseram “transformar determinada realidade educativa” (IBIAPINA, 2008, p. 31).

Ninguém melhor que o educador para pesquisar sua própria prática e refletir, isto é, pensar e examinar com senso crítico e sistemático a práxis de sua atividade e os conceitos nela implícitos.

Para participar dessa investigação foram adotados critérios conforme já apresentados na página 59 e aqui reiterados: ser professor de uma IES pública, na qual o projeto ocorreria; ministrar no mínimo quatro horas aula semanalmente; estar no exercício do magistério superior há pelo menos dois anos; e ter entre 25 e 60 anos. Os parâmetros escolhidos como normas para essa pesquisa tiveram suas bases fundamentadas nos estudos de Behlau et al, (2002) e (2010).

Isto posto, apesar de citado anteriormente, a primeira dificuldade encontrada ao longo desse estudo foi a pouca adesão ao mesmo por parte dos sujeitos de pesquisa. Várias foram as estratégias utilizadas na busca de se manter o primeiro contato com os professores e inúmeros, os insucessos. Tal fato levou a investigadora desse estudo à reflexão, acerca da razão dessa ocorrência, ao mesmo tempo em que desencadeou uma série de questionamentos. Onde houve falha: na divulgação; na comunicação; nos objetivos do trabalho; no interesse que o projeto despertava nos possíveis sujeitos? Esta pergunta foi respondida durante a oficina e será comentada na análise dos dados.

O recurso utilizado para sanar esse “desinteresse¹⁷”, ou melhor, para se conseguir professores com disponibilidade para participarem do estudo foi uma abordagem direta por parte de duas alunas do Curso de Pedagogia, coordenadas por uma bolsista do PIBIC - a alguns docentes das diferentes

¹⁷ Grifo da autora deste estudo

unidades envolvidas. Somente assim, conseguiu-se o quantitativo de seis professores que ministram aulas na Pedagogia, cinco na Matemática e um na Física, os quais totalizaram doze docentes do total da amostra inicialmente pensada.

A reflexão feita por esta pesquisadora levou-a a conjecturar acerca da conscientização desses profissionais sobre um trabalho preventivo, uma vez que, via de regra, o professor procura o fonoaudiólogo somente, quando apresenta algum agravo em sua saúde vocal. Obter a adesão maciça, quando ao docente, principalmente durante sua formação, não lhe foi informado que sua voz precisa ser cuidada e preservada, pois nela reside sua principal tecnologia de trabalho, do mesmo modo que as mãos de um pianista? Ou não se reconhece como profissional que depende da voz para ministrar suas aulas e poder realizar o seu ofício.

Os procedimentos para a execução do estudo foram explicados a cada docente no momento em que era abordado pela estudante que o informava sobre o primeiro encontro que teria com a pesquisadora. Então, esse compromisso entre sujeito de pesquisa e investigadora era marcado por uma dessas três alunas, do mesmo modo que local e horário mais cômodos e acessíveis aos professores como, por exemplo, em uma sala disponível em local e turno que lhes fossem mais convenientes.

Esse encontro, previamente agendado, tinha como finalidade detalhar ao sujeito pesquisado todos os passos da investigação; a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, acompanhado das devidas assinaturas; a resposta ao questionário, composto por duas perguntas diretas e por vinte itens para assinalar V (verdadeiro) ou F (falso) (APÊNDICE A); e em seguida a gravação, no software livre Audacity, da voz do docente durante a leitura de um texto padrão e uma breve apresentação pessoal na qual seriam relacionados, nome, formação acadêmica, disciplinas que leciona entre outras informações (APÊNDICE C), de modo que fosse analisada também a fala espontânea. Assim, se teria o registro da voz de cada sujeito, para posterior avaliação perceptivo-auditiva. É relevante esclarecer que a etapa de gravação das vozes ocorreu sempre no período vespertino (entre às 14 horas e às 18 horas e trinta minutos) de modo a

atender a disponibilidades dos sujeitos da pesquisa, uma vez que durante a manhã geralmente estão em período de aula.

3.2 Trajetória das vozes gravadas sob o olhar da pesquisadora

Durante a análise das repostas assinaladas no questionário, a arquitetura do resultado desta pesquisa passa a tomar corpo. Dos doze sujeitos pesquisados oito reponderam que não tomam qualquer cuidado específico com a voz e apenas quatro responderam que sim. Referente à questão dois, um refere falar com “voz normal aumentando o tom quando necessário” e quatro dizem não fazer esforço vocal.

Ao serem questionados como costumam usar sua voz, quando no exercício da docência, os retornos foram os seguintes:

1. com boa dicção, pausadamente e jamais fala alto;
2. tenta atingir a todos, falando alto com turmas grandes;
3. de modo muito agudo e muito alto;
4. usa graves e agudos para destacar elementos significativos do discurso;
5. tenta dosar o timbre da voz sem esforço;
6. fala rápido, apesar de tentar ser pausada;
7. não tem a menor ideia, aumenta o tom quando há muito ruído;
8. fala alto e com relativo esforço e sente sua respiração inadequada;
9. é claro na pronúncia das palavras, animado, as vezes fala alto por conta de ruídos externos;
10. acredita falar muito alto, quando percebe fala mais baixo;
11. usa voz normal, aumenta o tom quando necessário;

12. Faz uso de tom de voz mediano, evita falar mais alto.

Alguns professores admitem que falam alto habitualmente e/ou quando precisam, incluindo aquele que revela não fazer a menor ideia de como costuma usar sua voz. Dois deles afirmam utilizar adequadamente a intensidade e um dos que assume fazer esforço vocal ao ministrar aulas, informa também, que usa sua respiração de maneira inadequada.

Portanto, torna-se evidente que esse grupo analisado desconhece os parâmetros vocais e como falar de modo a ter uma emissão equilibrada. O que se observa são respostas típicas ao senso comum, sem qualquer fundante teórico/científico que embase o discurso do docente a respeito de sua principal tecnologia de interação/mediação com o estudante e com a mensagem educacional.

Evidencia-se, portanto, quão ainda é mister a voz e seus mecanismos de produção para os docentes e quão negligenciada tem sido essa tecnologia de trabalho, sua fisiologia, os benefícios que oferece ao professor. Do mesmo modo, torna-se claro que esses profissionais desconhecem que alguma falha em sua produção, pode comprometer à condução da informação que se deseja transmitir aos discentes.

De acordo com Behlau et al (2010, p. 311) por ter a área de voz falada uma tradição clínica de abordagem a pacientes disfônicos, ao invés do “aprimoramento da comunicação oral normal”, pesquisadores e autores preocuparam-se mais com as ações intervencionistas, direcionando-se aos distúrbios da voz, em detrimento da atenção para aprimorar e refinar a voz/expressividade verbal daquele que ministra aulas.

Dentre os participantes deste estudo, quatro gostam de ouvir sua voz gravada, sendo um sujeito do gênero feminino e três do gênero masculino. Esses resultados estão presentes nos questionários que foram preenchidos no momento da apreensão dos dados de pesquisa. Assim, das vinte afirmativas que deveriam ser assinaladas como verdadeiras ou falsas algumas estão aqui destacadas com a devida análise teórico-crítica, enquanto as demais estão

dispostas em quadro anexo (APÊNDICE D). A escolha dessas questões se fez por estarem em conformidade com a maioria das pessoas quando perguntadas se reconhecem sua voz ao ouvi-la depois de gravada. A voz falada e/ou cantada raramente é reconhecida por seu emissor/seu dono, em face da ressonância de todos os ossos da face ao falar. Isto significa que ao ouvir-se o sujeito escuta-se, diferente dos demais.

Mesmo, aqueles que são possuidores de uma voz bastante agradável não gostam de se ouvir em gravação. Esse fenômeno ocorre, uma vez que ao ouvir sua própria voz gravada (secretária eletrônica, mensagem gravada no aparelho celular ou em um gravador), quase sempre, se faz o auto-julgamento de que ela tem melhor qualidade. Algumas pessoas chegam até a afirmar que não são elas que estão falando ou colocam em dúvida a qualidade do gravador. Isso porque ao falarmos ouvimos o som dentro de nossa cabeça com toda ressonância produzida pelos ossos. Todo o processo de fonoarticulação¹⁸ gera uma série de vibrações das estruturas, principalmente da cabeça e também do corpo as quais interferem na percepção do próprio falante, por isso ao escutar sua própria voz gravada, na maioria das vezes o dono da voz refere não gostar por não se reconhecer nela (POLITO, 2012).

A percepção sobre sentir a voz cansada, quando a usa, obteve resposta afirmativa de sete participantes e o restante negou. Para esse item seis sujeitos são do gênero masculino e seis do gênero feminino. Ao indagar se a sua voz é diferente pela manhã do que é pela noite, obteve-se de um grupo de quatro professores a negação desse fenômeno. Este escore levou mais uma vez à reflexão acerca do desconhecimento, por parte dos professores que ao acordar, sai-se de um estado de repouso, no qual todo o organismo, inclusive as estruturas fonoarticulatórias estão relaxadas, por excelência.

Portanto, ao ministrar aulas logo cedo o docente deveria fazer um leve aquecimento vocal com recurso de vocalizes¹⁹, de modo que inicie seu dia letivo

¹⁸ Fonoarticulação significa a produção da voz falada, cantada ou encenada.

¹⁹ Vocalize - Vocalise é um exercício vocal que consiste em cantar sobre uma ou mais vogais várias linhas melódicas com notas especificamente arranjadas como prática didática. Também

com as mesmas características vocais que deverá apresentar por volta do meio da manhã, isto é, com todas as estruturas em condições ideais para a fonação.

É necessário que essa categoria de trabalhadores seja informada de que para a produção da voz um complexo conjunto de pequenos e delicados músculos é utilizado. Outro achado foi revelado por sete docentes que assinalaram não possuir a voz que desejam.

Diante desta resposta, vê-se corroborada a posição de Behlau et al (2010) que referem estar no despreparo dos usuários para as demandas necessárias, o problema fundamental da voz falada profissional.

Asseveram Calas et al, (1989, p. 397-405) em um estudo realizado com cem professores da educação básica à superior que a pequena diferença entre a frequência fundamental²⁰ da mulher e da criança responde por um esforço vocal ainda maior nessas profissionais do gênero feminino, uma vez que necessitam aumentar em até 30 dB²¹ o volume de suas vozes a fim de suplantar o ruído ambiental.

Acredita a pesquisadora desse estudo que ao levar esta informação para discutir junto ao Colegiado de Curso e Núcleo Docente Estruturante dos cursos de Pedagogia, novo olhar e novo tratamento serão dados às questões de preparo da voz do professor, a fim de que esses profissionais tenham incluídas nas habilidades e competências necessárias ao exercício do magistério, ainda em sua formação, bem como nos processos de educação continuada.

é a parte vocal sem palavras da música polifônica do Século XIII e XIV, quando a música não possuía texto.

²⁰ Frequência fundamental - Em acústica e música, Fundamental, é a mais baixa e a mais forte frequência componente da série harmônica de um som. Tecnicamente a fundamental corresponde ao primeiro harmônico. A fundamental é responsável pela percepção da altura de uma nota, enquanto que os demais harmônicos participam da composição da forma de onda do som.

²¹ dB - Decibel - O som é uma oscilação na pressão do ar (ou de outro meio elástico) capaz de ser percebida pelo ouvido humano. O número de oscilações da pressão do ar por unidade de tempo definem sua frequência, enquanto que a magnitude da pressão média define a potência e a intensidade sonora.

3.3 Avaliação perceptivo auditiva dos resultados

Essa etapa do trabalho constitui-se da avaliação perceptivo auditiva das vozes dos docentes sujeitos dessa pesquisa que foram gravadas no software Audacity, instalado em um notebook da marca Sony Waio, com o auxílio de um microfone de lapela colocado à distância de vinte centímetros da cavidade oral, da marca Smart Professional Microphone WM-1001.

Foi entregue aos sujeitos da pesquisa um texto aqui denominado texto padrão (APÊNDICE C) e solicitado que fosse realizada a leitura do mesmo e a seguir gravou-se uma breve apresentação pessoal na qual seriam registrados, nome, formação acadêmica, e disciplinas que leciona entre outras informações, de maneira a se ter também, registro de fala espontânea que pudesse ser analisada. A escolha por esta forma de avaliação vocal deveu-se por ser ela considerada a avaliação clássica da qualidade vocal na rotina clínica, apesar das críticas feitas à subjetividade e à nomenclatura inconsistente neste procedimento, de acordo com Fex (1992). No entanto, Behlau et al (2001) defendem esta modalidade e afirmam que nem mesmo a análise acústica pode ameaçar sua soberania, visto que a voz traz em si marcas de vivências educacionais, sociais e psicológicas.

Behlau et al (2001) chamam atenção para o cuidado que se deve ter ao fazer a avaliação perceptivo auditiva da voz, uma vez que depende do ouvido bem treinado do fonoaudiólogo que a realiza e, por ser de caráter individual torna-se extremamente difícil de desenhar. Cada falante modifica a voz continuamente, a depender da condição, da circunstância de comunicação e, sobretudo de seus interlocutores. Essa mesma autora ressalta na página 119 da obra *Voz O Livro do Especialista, Volume I*, que “a qualidade vocal varia de acordo com a situação e contexto e, portanto, o sujeito pode apresentar mais de um tipo de voz” (2001, p. 96). Tal conceito ao incorporar-se aos fundantes pedagógicos auxiliará o docente a entender a plasticidade de todos os elementos utilizados na produção vocal.

Esse grupo de sujeitos analisados foi caracterizada pela variedade na expressividade verbal de seus constituintes o que vem corroborar com autores como Fabron e Omote, (2000), Behlau, (2001), Feijó, (2003), Stier (2003), Panico, (2004), Behlau, Dragone, Nagano (2004), Servilha (2005) e Madureira,

(2005), dentre outros. A avaliação perceptivo auditiva da voz dos sujeitos dessa pesquisa buscou, sobretudo, descrever a impressão deixada pela voz e sua possibilidade de ser rejeitada ou aceita para a compreensão, na dialogia do processo ensino-aprendizagem.

Como já descrito, foram escolhidos nesta pesquisa, os seguintes parâmetros vocais para realização da avaliação perceptivo-auditiva: qualidade da voz, variação do loudness, variação do pitch, alongamento da vogal, velocidade de fala, pausa e articulação. Os sujeitos da pesquisa estão identificados pelo morfema S, seguidos dos numerais 1 a 12. Quanto à caracterização de gênero, já foi descrita no item 3.1 deste estudo, de maneira a evidenciar que houve um equilíbrio

na amostra. Todos os participantes são docentes do ensino superior, no exercício de suas funções laborais, com uma variação entre três e vinte e sete anos de exercício profissional. A faixa etária entre eles variou dos vinte e oito aos cinquenta e três anos de idade.

Encontrou-se desde um único sujeito, cujo tempo de docência é de quatro anos com voz que pode ser caracterizada como de qualidade equilibrada; à voz monótona de dois docentes, sendo um com vinte e sete anos de profissão e o outro com vinte anos de exercício do magistério. Dois professores foram classificados por ter voz rouca e voz rouco soprosa; outro com uma característica bastante marcada pela acentuação da vogal que determina por demais, o sotaque²² que pode vir a constituir-se como um ruído na comunicação, chamando mais atenção do que a mensagem educacional. Em hipótese alguma se advoga aqui, a neutralização do sotaque uma vez que ele identifica de onde procede regional e socialmente o falante. Ele deve ser suavizado de maneira a preservar as características regionais daquele que fala.

Uma voz abafada, de perfil, cuja impressão foi chancelada por tons mais graves, extensão vocal restrita e intensidade reduzida foi a marca de dois professores; em quatro deles assinalaram-se características como intensidade

²²[...] “sotaque é o estilo característico de falar ou pronunciar as sílabas, palavras, ou frases, que identifica a procedência regional ou social do falante”. (Bonora, apud Crystal, 2004, p.82).

reduzida, extensão vocal restrita, isto é, pequena variabilidade na frequência da emissão somada a articulação negligenciada.

No período de gravação das vozes, a pesquisadora identificou, ainda, o quão a materialização das ideias, atitudes e sentimentos dos falantes em sons da expressividade verbal podem causar impacto na comunicação entre os homens. Por mais que tentassem, alguns dos sujeitos não pareciam estar lendo ou falando de modo espontâneo e esse comportamento foi registrado como relevante durante a análise das vozes.

Madureira (2005, p. 23) traz em sua alocução que:

Falar de expressividade da fala é falar sobre o uso simbólico dos sons. O uso simbólico do som [...] invade o discurso oral em seus variados gêneros e estilos e aponta para o âmago da questão do tratamento do som e sentido.

Como conseguinte esses resultados foram compilados e refletidos de modo a reorganizar a estrutura da oficina que levaria uma resposta aos sujeitos de pesquisa e também pudesse lhes servir como primeiro contato com o mundo fonoaudiológico no que diz respeito ao trabalho com a expressividade verbal e não verbal do professor. Por que reorganizar? Porque, à luz da experiência vivida ao longo da coleta dos dados e durante a análise dos mesmos, a pesquisadora voltou-se aos objetivos deste estudo, no sentido de potencializar as interações pedagógicas e auxiliar no processo ensino-aprendizagem daqueles que ministram aulas tanto em ambientes presenciais como a distância.

[...] voz é ação, sobretudo se proferida desde os afectos, da capacidade humana de afetar e ser afetado pelo Outro (nossa alteridade).

Luiz Augusto de Paula Souza (Tuto)

4 A VOZ EM CURSO

4.1 Blog: a voz do professor

Em tempos de Tecnologias de Informação e Comunicação, de redes de comunicação síncrona e/ou assíncrona, a interface blog é um tecnologia essencial para dar voz aos diferentes sujeitos sociais em seus distintos papéis a desempenhar. Neste sentido, conceber um espaço com esta dinâmica é essencial para qualquer esforço no sentido de publicizar as práticas de formação para a expressividade verbal, nesse caso específico, do professor.

Originária do termo inglês - web log, o blog pode ser considerado como um diário da web ou como vê esta pesquisadora, uma janela para o mundo, na qual se pode mostrar - neste caso, de maneira pontual - um determinado tema, com finalidade específica e manter os mais diversos contatos, somados a várias sugestões, questionamentos e à participação de inúmeras pessoas conforme a política adotada.

Figura 4 - Blog Voz do Professor



Fonte: BLOG Voz do professor. <Disponível em: <http://vozdoprofessor-tic.blogspot.com.br/>>

Sem dúvida, ele pode ser considerado uma interface educativa que auxilia o pesquisador a avançar em seu trabalho, uma vez que pressupõe a frequente atualização, por meio de postagens (posts) que podem vir acompanhadas de textos, imagens e áudios e, ainda, permite que sejam incluídos comentários, links e reflexões pessoais do autor.

Deve sim, cumprir seu papel de recurso perenemente disponível quando necessário àqueles que o irão utilizar. Para tal, necessita ser alimentado a respeito de qualquer atualização sobre o assunto de que trata e também ser um elemento de interação com seus usuários.

O blog tem a vantagem de possibilitar a comunicação entre interessados / interessados; interessados / pesquisadores; pesquisadores / pesquisadores; e com o universo em geral, configurando-se em uma interface interativa e de ação a todos os partícipes desse processo.

O blog permite também que se apresente uma opinião, ou se represente uma fala, sem que se identifique o sujeito pesquisado, isto é, mantenha-se o devido sigilo, de modo a se resguardar o anonimato, conforme exige a legislação pertinente em vigor - Resolução CNS 196/96. Nesta pesquisa, de modo pontual, utilizou-se o recurso da construção de avatares para representar os sujeitos da pesquisa.

A seguir, está disponibilizado um exemplo do que consta no blog, acompanhado de imagens e de respostas dadas à pesquisadora.

Figura 5 - Avatar 1



Fonte: BLOG Voz do Professor. <<http://vozdoprofessor-tic.blogspot.com.br/2011/06/aurea-pergunta1.html>>.

Figura 6 - Avatar 2



Fonte: BLOG Voz do Professor. <<http://vozdoprofessor-tic.blogspot.com.br/2011/06/aurea-pergunta1.html>>.

4.2 Oficina

No dia catorze de junho de 2011, no auditório do complexo que abriga os cursos de Medicina, Farmácia e Enfermagem, da instituição de ensino superior, às 14 horas, deu-se início à terceira etapa deste estudo, a oficina Voz do Professor. Esta data foi marcante, uma vez que dos doze sujeitos que participaram da pesquisa, somente quatro compareceram à oficina, porém uma turma de estudantes do Curso de Pedagogia e alguns docentes de outros cursos participaram dessa experiência.

Diante do público que se apresentou a pesquisadora de modo sutil e sem deixar perceber, detalhadamente tratou as fragilidades encontradas nas vozes desses quatro docentes, preservando o anonimato, garantido tanto no Protocolo de Pesquisa como no TCLE, oportunizando-lhes experimentar uma situação que fosse proveitosa e que imprimisse tanto neles quanto nos que entravam em contato com o universo da expressividade verbal e não verbal pela primeira vez, o interesse em participarem de outras capacitações/oficinas.

Abaixo estão disponibilizados alguns dos slides que compuseram a oficina:

Figura 7 - Slide 1: Oficina Voz do Professor

VOZ DO PROFESSOR: uma tecnologia de interação nos processos de ensino e aprendizagem, Junho/2011



Fonte: <<http://educador.brasilecola.com/orientacoes/voz-professor.htm>>

Figura 8 - Slide 38: Oficina Voz do Professor



http://fonocardiologia.blogspot.com/2011/04/01_archive.html

Inimigos físicos: são oito os inimigos físicos que impedem o desenvolvimento e uso normal de sua voz natural.

1. envelhecimento: a voz muda durante sua vida;
2. alergias e infecções saúde modificam a voz;
3. fadiga - o cansaço mostra-se rapidamente em nossa voz;

4. medo - o medo afeta nossa via aérea.
5. alterações hormonais – mudanças glandulares influenciam a voz
6. hidratação - os níveis de umidade nas vias aéreas e no trato vocal afetam a voz
7. medicamentos - alguns medicamentos podem ter um impacto sobre a voz
8. drogas recreativas - o fumo, o álcool e drogas ilegais têm um impacto sobre nossa voz

Figura 9 - Slide 39: Oficina Voz do Professor

O QUE VOCÊ PODE ESTAR FAZENDO PARA IMPEDIR UMA VOZ NATURAL

Embora os fatores orgânico e ambientais possam afetar profundamente como falamos, o maior inimigo da voz natural é geralmente o próprio comportamento vocal.

- 1 - dentes cerrados - você fala com os dentes cerrados
- 2 - ataque vocal brusco - você usa demasiado esforço para falar
- 3 - problemas de intensidade vocal - você fala muito forte ou muito fraco
- 4 - nasalidade - você fala demais por meio do nariz
- 5 - problemas de altura vocal - sua voz tem altura muito elevada ou muito baixa
- 6 - falta de ar - você não avalia o ar que possui para falar
- 7 - fala, fala, fala - você fala tanto que sua voz fica cansada
- 8 - foco de ressonância na garganta - você fala em um ponto muito baixo de sua garganta
- 9 - problemas de postura - você senta ou fica de pé de forma inapropriada
- 10 - ambientes estressantes - sob estresse, você faz demandas inapropriadas sobre sua voz

A avaliação desse momento foi profícua, visto que um docente que não havia sido sujeito da pesquisa revelou a esta estudiosa, há poucos dias, que

após as orientações e experiências vividas naquele evento passou a produzir podcasts²³ e pequenas gravações de suas aulas segundo as orientações recebidas na época. Outro fruto colhido recentemente foi o de ver um professor deixar o tabagismo porque, segundo o mesmo, após aquele dia da oficina começou a observar sua própria voz e percebeu quanto o fumo vinha comprometendo sua fonação, trazendo-lhe prejuízo no que concerne à comunicação oral no trabalho e na vida social, uma vez que aquele hábito lhe proporcionava uma voz de frequência bem mais grave que o seu tom habitual.

Abaixo, a coluna Destaque da oficina Voz do Professor disponibilizada no blog.quarta-feira, 22 de junho de 2011

Destaques da oficina Voz do Professor

A oficina Voz do Professor: uma tecnologia de interação nos processos de ensino e aprendizagem contou com a participação de docentes e estudantes da UFAL e outras instituições de ensino. A discussão abarcou vários caminhos, em que inicialmente foi esclarecido sobre a necessidade do cuidado com a voz, uma vez que a mesma, via de regra é utilizada de forma inadequada e abusiva. Em seguida foram dadas algumas orientações básicas em relação à anatomofisiologia da laringe, com demonstrações de vídeos. Desde o momento inicial da oficina foi possível perceber a interação dos participantes, os quais puderam tirar suas dúvidas e relatar aspectos de sua saúde vocal, seguidos de orientações pela fonoaudióloga Maria Aurea Souto. Um ponto forte da discussão foi a ênfase dada à relação

²³ Podcasts - é o nome dado ao arquivo de áudio digital, frequentemente em formato MP3 ou AAC (este último pode conter imagens estáticas e links), publicado através de podcasting na internet e atualizado via RSS. A palavra é uma junção de Pod-Personal On Demand (numa tradução literal, pessoal sob demanda) retirada de iPod e broadcast (transmissão de rádio ou televisão). O "podcast" surge então como um novo recurso tecnológico, um canal de comunicação informal de grande utilidade, que permite a transmissão e distribuição de notícias, áudios, vídeos e informações diversas na internet, o que contribui para a disseminação da informação de maneira fácil, rápida e gratuita.

professor-aluno na dinâmica vocal de ambos. É grande o impacto que a voz pode causar e influenciar nessa relação, pois “quando você fala é sua personalidade que se expressa. Torne sua voz uma mensagem de otimismo, confiança, amor” (BRANDI, 1983). É muito importante, pois, que haja uma preocupação por parte do professor em relação à velocidade da fala, o ritmo, intensidade da voz, minimizar o excesso do regionalismo, ou seja, preparar a voz para entrar em sala de aula. E ressalta a fonoaudióloga: “não basta aquecer a voz, é preciso desaquecê-la”. Isso tudo permitirá uma clareza na articulação da fala, podendo até mesmo colaborar com a construção do vínculo entre professor e aluno. “Emoções como alegria ou tristeza, ansiedade, tédio, preocupação ou otimismo também influenciam na identidade vocal.”, lembra a fonoaudióloga. O momento final da oficina foi dedicado a fala dos participantes sobre suas impressões após a oficina. Foi possível perceber o sucesso da mesma por algumas falas: “O professor precisa ser capacitado” (sujeito 1) ou “Muito importante esta iniciativa em refletir sobre a saúde e trabalho docente, precisamos mais disso na universidade” (sujeito 2). Nosso grupo de pesquisa A voz do Professor, que deu apoio a essa realização, sentiu-se felicitado com a resposta do público à oficina. Agradecemos aos que fizeram desse momento uma grande realização.

Postado por Voz do Professor às 16:23

4.3 Guia de recomendações para o docente: voz profissional na educação

Conclui-se este estudo com uma etapa significativa a toda pesquisa: a devolutiva à sociedade que a financiou, dos resultados obtidos e da empregabilidade destes no cotidiano. Neste sentido, a elaboração de um guia de recomendações sobre o uso da voz para os docentes, permitirá que se cumpra com o compromisso assumido.

Um guia não pretende, nem deve ser algo que engesse os leitores, mais longe ainda fica, de se tornar um manual de procedimentos.

Assim, optou-se por utilizar como repositório para esse guia o blog Voz do Professor, disponível em <http://vozdoprofessor-tic.blogspot.com.br/>. A escolha por este lócus resultou da discussão entre sujeitos da pesquisa e pesquisadora, respeitando-se a metodologia colaborativa adotada neste estudo e, ainda, porque, nele podem-se depositar vídeos e áudios, de modo a enriquecer as informações ali colocadas. Outra razão responsável por eleger esse formato de apresentação como de preferência, deve-se ao fato de que o referido recurso permite, por parte dos usuários, acesso livre, a qualquer momento, de qualquer lugar, a qualquer hora, comunicação assíncrona entre pesquisadora e público em geral e, sobretudo atualização sistemática sem os custos que uma produção impressa acarretaria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo, desde seu início, foi motivado por entender sua autora a necessidade em abordar a voz do professor, de modo distinto. Os incansáveis anos de atendimento clínico aos docentes portadores de distúrbio vocal geraram a necessidade de uma investigação científica da voz desses profissionais como tecnologia a serviço das interações pedagógicas. O que se quis trazer para discussão foi, o claramente negligenciado, papel das expressividades verbal e não-verbal do professor como agentes na condução da mensagem educacional.

Nesta pesquisa pode se verificar que as investigações acerca da voz do professor como capaz de intermediar e de facilitar o processo ensino-aprendizagem são escassas tanto na área fonoaudiológica como na educacional.

De modo a se obter as respostas para o problema apresentado, foi necessário buscar-se fundantes teóricos em várias dimensões complementares, desde as afirmativas de PENIN, que remontam a origem do homem à atividade de ensino, ao que propõe LAYER no que diz respeito aos ajustes articulatórios da produção vocal, e como esses eventos influenciam no processo interativo.

Esta pesquisa teve como objetivos: verificar a percepção do professor sobre sua voz; avaliar a qualidade da voz dos professores sujeitos deste estudo; verificar que cuidados o professor adota para preservar a qualidade vocal; e verificar como esses sujeitos costumam usar a voz no exercício da profissão docente.

Os resultados que os professores pesquisados fazem menção a uma série de distúrbios de saúde geral e hábitos vocais que podem comprometer a produção da voz. Percebem a presença de sintomas vocais, mas não os relacionam a alterações de voz. Necessitam, portanto de ações de promoção de saúde e prevenção de alterações vocal, com o objetivo de sensibilizá-los com relação a essas questões.

Os dados demonstram que esses profissionais desconhecem, em sua maioria, a tecnologia voz como agente capaz de construir significados por parte dos estudantes. Evidenciam, ainda, que os professores desconhecem o que seja qualidade vocal e por isso não adotam qualquer medida de conservação da voz, bem como a usam sem devido cuidado específico ao ministrarem suas aulas.

A avaliação perceptivo-auditiva da voz dos professores que participaram desse estudo evidenciou que dentre os doze docentes, um apresentava o que se considera fonoaudiologicamente, voz equilibrada. Esse docente mostrou articulação precisa, loudness adequado, pitch compatível aos parâmetros de idade e gênero, velocidade de fala e ritmo também adequados e entonação variável.

Esse estudo indica também a necessidade de se pesquisar as características da voz do professor no contexto interacional, revelando outros processos que diferenciados daqueles vinculados à presença de distúrbio.

Outra constatação diz respeito ao pouco que se caminhou quanto a compreensão do professor como sujeito social e sua relação com o uso profissional da voz no exercício do magistério de maneira a facilitar a condução da mensagem educacional e contribuir para a melhoria das interações pedagógicas.

Em termos de contribuições práticas, este estudo poderá auxiliar os professores a utilizarem os conhecimentos aqui obtidos a fim de empregarem em sala de aula nas suas ações comunicativas.

No entanto, as conclusões a que se chegou desta pesquisa demonstram que há muito a ser estudado. É preciso ampliar e aprofundar o estudo das expressividades verbal e não-verbal do professor como resultado de um contexto social e que se modifica com o tempo.

Cabe finalmente destacar que para se alcançar a compreensão de que o professor é um profissional da voz, ainda muito se tem a estudar. Encerra-se, pois essa pesquisa como outras questões que permeiam a expressividade verbal do docente por entender a necessidade em se desenvolver a busca pelo aprimoramento da voz falada, principalmente para seu uso na modalidade EAD.

REFERÊNCIAS

ABERCROMBIE, D. **Elements of general phonetics**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1967. 209 p.

ALVES, L. A. et al. Alterações da saúde e a voz do professor, uma questão de saúde do trabalhador. **Rev. Latinoam. Enferm.**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 4, jul./ago. 2009. ISSN 0104-1169. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v17n4/pt_20.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2011.

AMATO, R. de C. F. **Manual de saúde vocal: teoria e prática da voz falada para professores e comunicadores**. São Paulo: Atlas, 2010.

ARRUDA, A. F. **Expressividade oral de professores: análise de recursos vocais**. 2004. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

BARROS FILHO, C. de. A construção social da voz. In: KYRILLOS, Leny Rodrigues. **Expressividade: da teoria à prática**. Rio de Janeiro: Revinter, 2005. Cap. 3, p. 27-42.

BEHLAU, M. Professor falta 5 dias por ano por problemas de voz. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 ago. 2009. Folha Educação. Entrevistas concedida ao jornalista Fábio Takahashi. Disponível em: <<http://www.animaensino.com.br/imprensa/midia/24-professor-falta-5-dias-por-ano-por-problemas-de-voz>>. Acesso em: 23 maio 2010.

_____. (Org.). **Voz: o livro do especialista**. Rio de Janeiro: Revinter, 2001. v. 1.

_____. (Org.). **Voz: O livro do especialista**. Rio de Janeiro: Revinter, 2010. v. 2.

_____; PONTES, Paulo. **Avaliação e tratamento das disfonias**. São Paulo: Lovise, 1995.

_____; _____. **Higiene vocal: cuidando da voz**. 3. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.

_____; DRAGONE, M. L. S.; NAGANO, L. **A voz que ensina**. o professor e a comunicação oral em sala de aula. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

BELLO, J. L. de P. Educação no Brasil: a história das rupturas. **Pedagogia em Foco**, Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb14.htm>>. Acesso em 24 nov. 2011.

BITTAR, M. A abordagem instrumental para ao estudo da integração da tecnologia na prática pedagógica do professor de matemática. **Educar em Revista**, Curitiba: UFPR, n. Especial 1, p. 157-171, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/nse1/11.pdf>>. Acesso em 21 jun. 2012.

BONORA, M. Sotaque X Telejornalismo: uma proposta de atuação fonoaudiológica. In: FEIJÓ, D.; KYRILLOS, L. **Fonoaudiologia e telejornalismo**: baseado no III Encontro Nacional de Fonoaudiologia da Central Globo de Jornalismo. Rio de Janeiro: Revinter, 2004. Cap. 5, p. 81-93.

BOONE, D. R. **Sua voz está traindo você?**: como encontrar e usar sua voz natural. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

_____; MCFARLANE, S. C. A Voz e a terapia vocal. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

BORREGO, M. C. de M. Expressividade no rádio. In: KYRILLOS, Leny Rodrigues. **Expressividade**: da teoria à prática. Rio de Janeiro: Revinter, 2005. Cap. 9, p. 151-162.

CALAS, M. et al. La pathologie vocale chez l'enseignant. **Rev. Laryngol.**, v. 110. p. 397-405, 1989.

CAMARGO, Z.; VILARIM, G. S.; CUKIER S. Parâmetros perceptivo-auditivos e acústicos de longo termo da qualidade vocal de indivíduos disfônicos. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 6, n. 2, p.189-96, abr./jun. 2004. Disponível em: <<http://www.cefac.br/revista/revista62/Artigo%2011.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2012.

CHUM, R. Y. S. **A voz na interação verbal**: como a interação transforma a voz. 2002. 233 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

COLTON, R. H.; CASPER, J. K.; LEONARD, R. et al. **Compreendendo os problemas de voz**: uma perspectiva fisiológica no diagnóstico e tratamento das disfonias. 3. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2010.

DEMO, P. **Pesquisa e construção de conhecimento**. 7. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 2009. 124 p.

DICIONÁRIO Priberam da língua portuguesa. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/>>. Acesso em: 1 jun. 2012.

DRAGONE, M. L. O. S.; BEHLAU, M. Ocorrência de disfonia em professoras: fatores relacionados com a voz profissional. In: BEHLAU, M (Org.). **A voz do especialista**. Rio de Janeiro: Revinter, 2001. p. 23-43.

ESTIENNE, F. **Voz falada, voz cantada, avaliação e terapia**. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

FABRON, E. M. G.; OMOTE, S. Queixas vocais entre professores e outros profissionais. In: FERREIRA, Leslie P.; COSTA, Henrique O. **Voz ativa: falando sobre o profissional da voz**. São Paulo: Roca, 2000.

FAWCUS, R. **Disfonias: diagnóstico e tratamento**. 2. ed. São Paulo: Revinter, 2001.

FEIJÓ, D. A fala. In: KYRILLOS, L. et al. **Voz e corpo na TV: a fonoaudiologia a serviço da comunicação**. São Paulo: Globo, 2003.

FERNANDES, C. M. B. Formação do professor universitário: tarefa de quem? In: In: MASETO, M. T. **Docência na universidade** (Org.). Campinas, 10. ed. São Paulo: Papyrus, 2009. p. 95-112.

FERREIRA, L. P. Uma pesquisa, uma proposta, um livro: três histórias que se cruzaram. In: _____. et al. (Org.). **Voz profissional: o profissional da voz**. Carapicuíba: Pró-Fono, 1995, 210 p.

_____; COSTA, H. **Voz ativa: falando sobre o profissional da voz**. São Paulo: Roca, 2000.

_____; VILELA, Flaviana C. A., **Voz na clínica fonoaudiológica: grupo terapêutico como possibilidade**. Disponível em: <http://www.pucsp.br/revistadisturbios/artigos/Artigo_485.pdf>. Acesso em: 28 maio 2012.

FERREIRA, L. P. et al. **Voz profissional: o profissional da voz**. Carapicuíba: Pro-Fono Departamento Editorial, 1996, 210 p.

FEX, S. Perceptual evaluation. **J. Voice**, New York, v. 6, p. 155-158, 1992. ISSN 0892-1997

FONÉTICA articulatória. Disponível em: <<http://fonticaarticulatria.blogspot.com/2011/05/o-papel-das-pregas-vocais-vozeamento.html>>. Acesso em: 20 nov. 2011.

FRANCO, M. A. S. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a11v31n3.pdf>>. Acesso em: 2 ago. 2010.

GARGAGLIONE, M. do C. Perícia em fonoaudiologia. [Artigo de revisão científica em PDF da Academia Brasileira de Fonoaudiologia Forense]. 2003. Disponível em: <<http://www.acadffor.com.br>>. Acesso em: 24 set. 2009.

GAYOTTO, L. H. **Voz**: partitura da ação. São Paulo: Plexus, 2002. 132 p.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.

GOMES, M. J. **Blogs**: um recurso e uma estratégia pedagógica. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4499/1/Blogs-final.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2011.

GONÇALVES, C. G. O.; PENTEADO, R. Z.; SILVÉRIO, K. C. A. Fonoaudiologia e saúde do trabalhador: a questão da saúde vocal do professor. **Saúde em Revista**, v. 7, n. 15, p. 45-51, 2005.

_____. et al. Demanda pelos serviços de fonoaudiologia no município de Piracicaba: estudo comparativo entre a clínica escola e o atendimento na prefeitura municipal. **Pró-Fono**, Carapicuíba, v. 12, p. 61-66, 2000.

GRILLO, M. H. M. M. Impacto de um curso de aperfeiçoamento vocal em contexto de prevenção fonoaudiológica. **Pró-Fono**, Carapicuíba, v. 16, n. 2, 2004.

_____; PENTEADO, R. Z. Impacto da voz na qualidade de vida de professore(a)s do ensino fundamental. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, Barueri, v. 17, n. 3, p. 321-330, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pfono/v17n3/v17n3a05.pdf>>. Acesso em: 6 out. 2011.

IBIAPINA, I. M. L. de M. **Pesquisa colaborativa**: investigação, formação e produção de conhecimentos. Brasília, DF: Liber Livros, 2008.

JARDIM, R.; BARRETO, S. M.; ASSUNÇÃO, A. Á. Recomendações preventivas para disfonia amparadas em um inquérito epidemiológico. In: SEMINÁRIO DA REDESTRADO: Regulação Educacional e Trabalho Docente, 6., 2006, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ. 2006.

KEMP, E. **Física da fala e da audição**. Disponível em: <<http://www.ifi.unicamp.br/~kemp/f105wp/downloads/Parte6.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2012.

KYRILLOS, L. R. **Expressividade**: da teoria à prática. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

KOUFMAN J. A.; ISACSON, G. (Ed.). **Voice disorders**. Philadelphia: Otolaryngology Clinics of North America; Saunders, 1991.

KYRILLOS, L. C.; COTES, C.; FEIJÓ, D. **Voz e corpo na TV**. São Paulo: Globo, 2003.

LAVIER, J. **Principles of phonetics**. Cambridge: University Press, 1994, 774 p.

LE HUCHE, F; ALLALI, A. **La voz**: patología vocal de origen orgánico. Masson. Barcelona: Masson, 2004. t. 3.

LOPES FILHO, O. et al. **Tratado de fonoaudiologia**. São Paulo: Roca; 1997.

LÜDKE, M. Novos enfoques da pesquisa em didática. In: CANDAU, V. M. (Org.). **A didática em questão**. 18. ed. São Paulo: Vozes, 2008. p. 68-80.

MADUREIRA, S. Expressividade da fala. In: KYRILLOS, L. C. (Org.). **Expressividade**: da teoria a prática. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

MASETTO, M. T. Formação pedagógica dos docentes do ensino superior. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Administração**, Cristalina, v.1, n. 2, p.4-25, jul. 2009. Edição Especial, Disponível em: <<http://www.facec.edu.br/seer/index.php/docenciaepesquisaemadministracao/article/viewFile/54/93>>. Acesso em: 8 nov. 2011.

_____. Professor universitário: um profissional da educação na atividade docente. In: MASETO, M. T. (Org.). **Docência na universidade**, 10. Ed. Campinas: Papirus, 2009 p. 9-26.

MELLO, E. B. S. **Educação da voz falada**. Rio de Janeiro: Atheneu, 1988.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**. 12. Ed. São Paulo: Hucitec, 2010. 408 p.

MOSES, P. J. Vocal analysis. **Arch. Otolaryngol.**, v. 48, p. 171-186,1948.

NAGANO,L.; BEHLAU,M. Perfil vocal e análise perceptivo-auditiva das vozes de professoras de pré-escola. In: BEHLAU,M (Org.). **A voz do especialista**. Rio de Janeiro: Revinter, 2001. p. 45-56.

NOGUEIRA, V. L. **Psicodinâmica vocal e audiovisualização da voz**: práticas da clínica fonoaudiológica a serviço da ação vocal cênica. 2010. (Dissertação em Artes) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/JSSS-875FPK/1/psicodinamica_vocal_e_audiovisualiza_o_da_voz_pr_ticas_da_cl_nica__fonoaudiol_gica_a_servi_o_da_a.pdf>. Acesso em: 12 maio 2012.

OLIVEIRA, I. B. et al. Distúrbios vocais em professores de pré-escola e primeiro grau. In: FERREIRA, L. P. et al. **Voz profissional**: o profissional da voz. Carapicuíba: Pró-Fono, 1995. p. 173-179.

ORLANDI, E. P. **Discurso & leitura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008. 119 p.

OYARZÚN, R. et al. Disfonia em professores. **Revista de Otorrinolaringologia y Cirurgia de Cabeza y Cuello.**, v. 44, p. 17, ago.1984.

PANICO, A. C. B. Expressividade na fala construída. In: KYRILLOS, L. R.(Org.). **Expressividade**: da teoria à prática. São Paulo: Revinter, 2005. Cap. 4, p. 43-56.

PENIN, S. Profissão docente e contemporaneidade, In: ARANTES, W. A. (Org.), **Profissão docente**: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2009.

PENTEADO, R. Z. Relações entre saúde e trabalho docente: percepções de professores sobre a saúde vocal. **Rev. Soc. Bras. Fonoaudiol.**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 18-22, jan./mar. 2007. ISSN 1516-8034. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsbf/v12n1/03.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2010.

PENTEADO, R. Z.; BICUDO-PEREIRA, I. M. T. Avaliação do impacto da voz na qualidade de vida de professores. **Rev. Soc. Bras. Fonoaudiol.**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 19-28, dez. 2003.

_____; ROSSI, D. Vivência de voz e percepções de professores sobre saúde vocal e trabalho. **Saúde em Revista**, v. 8, n. 18, p. 39-47, 2006.

PINTO, A. de C. **A formação de professores para a modalidade de Educação a Distância**: por uma criação e autoria coletivas. 2004. 249 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

POLITO, R. **A minha voz continua a mesma**. Disponível em: <http://www.polito.com.br/portugues/artigo.php?id_nivel=12&id_nivel2=142&idTopico=157>. Acesso em: 28 maio 2012.

REBOUL, O. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 233 p.

REVISTA BRASILEIRA DE SAÚDE OCUPACIONAL. v.25, p.109-129, 1995/1996,. Disponível em: <<http://www.ufrj.br/institutos/it/de/acidentes/voz2.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2011.

RIBEIRO, D. **A universidade necessária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975. 313 p.

RODRIGUES, S.; AZEVEDO, R.; BEHLAU, M. S. Considerações sobre voz profissional falada. In: MARCHESAN, I. Q.; GOMES, I. C. Dias; ZORZI, J. L. **Tópicos em fonoaudiologia**. São Paulo: Lovise, 1996. p. 703-712.

ROMANOWSKI, J. P. Aprender: uma ação interativa. In: VEIGA, I. P. A.(Org.). **Lições de didática**. Campinas: Papirus, 2006. p. 101-122.

ROY, N.et al. Effects of voice disorders on teachers and the general population. **J. Speech. Lang. Hear. Res.**, Rockville, v. 47, p. 542-551, Jun. 2004. ISSN 1092-4388. Disponível em: <http://blogs.acu.edu/1020_COMP67002/files/2010/02/Roy-2004.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2012.

SATALOFF, R. T.; SPIEGEL, J. R. Care of the professional voice. **Otolaryngol. Clin.**, Philadelphia, v. 24, n. 5, p. 1093-1124, 1991. ISSN 0030-6665.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007. 473 p.

SERVILHA, E. A. M. Caracterização do perfil vocal em professores do terceiro grau. In: LACERDA, C. B. F.; PANHOCA, I. **Tempo de fonoaudiologia II**. Taubaté : Cabral, 1998. p. 95-118.

_____. Estresse em professores universitários na área de fonoaudiologia. **Revista Ciências Médicas**, v.14, n. 1, p. 43-52, 2005.

SERVILHA, E. A. M. **A voz do professor**: indicador para compreensão da dialogia do processo ensino-aprendizagem. 2000. Tese (Doutorado em Fonoaudiologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____; MONTEIRO, A. P. da S. Estratégias para obter a atenção discente no contexto universitário: o papel da voz do professor. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 225-235, ago., 2007. Disponível em: <http://www.pucsp.br/revistadisturbios/artigos/Artigo_546.pdf>. Acesso em: 10 maio 2012.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed rev. e atua. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001. 121p.

SMITH E, G. S. D. et al. Frequency and effects of teachers' voice problems. **J. Voice**, New York, v.11, n.1, p.81-7, 1997. ISSN 0892-1997.

STEMPLE J. C.; GLAZE, L. E.; GERDEMAN, B. K. **Clinical voice pathology: theory and management**. San Diego: Singular Publishing Group; 2000.

STIER, M. A.; COSTA, B. Oficina de narração. In: KYRILLOS, L. R.; PANICO, A. C. B. **Fonoaudiologia e telejornalismo: relatos de experiências na Rede Globo de Televisão**. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

VEIGA, I. P. A. **A prática pedagógica do professor de didática**. 11. ed. Campinas: Papyrus, 2008. 177 p.

WEBBER, D. V. **Profissão professor: desafios e possibilidades do direito ambiental laboral frente ao mal-estar docente**. 2011. Dissertação (Mestrado em em Direito Ambiental, Trabalho e Desenvolvimento) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2011.

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO

Nome - (somente as iniciais): _____

Idade: _____ Data do nascimento: ____/____/ 19____ Tempo de docência: _____

Gênero: () Feminino () Masculino Data: ____/____/2011

Você toma cuidados específicos com sua voz? Quais?

Como você costuma usar sua voz no exercício da docência? Tente descrever seu comportamento vocal, enquanto ministra uma aula.

Leia com bastante atenção cada uma das 20 declarações que se seguem. Em seguida marque cada afirmação como verdadeira (v) ou falsa (f), de acordo com sua opinião sobre sua voz.

- 1 - Você frequentemente descobre que está com falta de ar enquanto fala.
- 2 - Você não gosta de ouvir sua voz gravada.
- 3 - Sua voz fica cansada, enquanto você a usa.
- 4 - Os estranhos ao telefone consideram-no mais jovem ou mais velho do que realmente é.
- 5 - Quando sua voz está cansada, ela lhe parece distante e fraca.
- 6 - Sua voz pela manhã é diferente do que é pela noite.
- 7 - Depois que você fala muito sua garganta dói.
- 8 - As pessoas têm dificuldade para ouvi-lo em algumas situações.
- 9 - Sua voz não parece tão boa quanto costumava ser.
- 10 - Sua voz soa como se estivesse em seu nariz.
- 11 - Sua voz transmite a impressão que você está nervoso.
- 12 - Você pode perder a voz quando está nervoso ou cansado.
- 13 - Ao falar, você não tem a voz que deseja.
- 14 - Você gostaria de mudar a altura de sua voz.
- 15 - Sua impressão é que sua voz não é realmente "você".
- 16 - Você limpa frequentemente sua garganta.
- 17 - Quando está com uma alergia ou resfriado, você ocasionalmente perde a voz.
- 18 - Sua garganta parece excessivamente seca e arranhada após falar prolongadamente.
- 19 - As pessoas, frequentemente compreendem mal o que você diz.
- 20 - Os estranhos ao telefone pensam que você é do sexo oposto.

APÊNDICE B

SOBRE AS SALAS DE AULA DO PRÉDIO NOVO DO CEDU

- Área - aproximadamente 60 m²
- Pé direito - 4,5 m
- Abertura lateral acima do quadro branco de 4 m e 22 cm de comprimento por 30 cm de largura.
- Janelas em vidro em toda a área do fundo da sala com cerca de 6 m e 95 cm.
- Iluminação - 16 luminárias com 4 lâmpadas fluorescentes de 40 W cada luminária, somando-se um total de 64 lâmpadas.
- Ventilação artificial - mantida por 4 ventiladores de teto que ao serem ligados produzem ruído com intensidade de 68 decibéis - dB²⁴.
- Sem ventilação artificial, as salas de aula são por demais quentes.

Diante das condições físicas acima relacionadas observa-se:

O espaço físico de cada sala de aula do novo prédio do CEDU tem dimensões bastante amplas. No entanto, a altura do pé direito somada a uma parede lateral com cerca de 8 m e 50 cm de comprimento, a grandes janelas em vidro localizadas no fundo da sala por toda a extensão da parede, a outra parede lateral em divisória comum e à abertura existente na parede acima do quadro branco respondem por inadequadas condições acústicas para que se possam ministrar aulas nesses espaços, tornando-os perigosos para: a saúde vocal de docentes e discentes que ali frequentam sistematicamente; a qualidade de vida daqueles que lá ministram e têm aulas; e ainda para a qualidade das interações entre professor-aluno.

Quando ligados os ventiladores, estes produzem tamanho ruído no ambiente que para superá-lo o professor necessita falar a uma intensidade de 86,5 dB, desde que não haja aula na sala ao lado. Caso isso ocorra o esforço vocal

²⁴ dB - decibel é a unidade de medida que corresponde à menor diferença de intensidade captada pelo ouvido humano. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ac%C3%BAstica>> Acesso em: 10 ago 2009.

por parte do professor será bem maior. A temperatura ambiente na sala de aula por volta de 19 horas e 30 minutos no período de 23 de março a 07 de abril do ano em curso foi de 27^o C, o que mostra ser praticamente impossível trabalhar no ambiente referido sem que os ventiladores estejam funcionando, face ao calor.

Por estarem as salas separadas por divisórias de Eucatex sem qualquer tratamento acústico e com um espaço aberto acima do quadro branco é constante e exagerada a competição sonora no local quando as salas estão ocupadas, gerando uma demanda vocal excessiva com uso abusivo da voz por parte do docente ou de quem estiver falando no ambiente.

Enfim, visando preservar o bem estar e a saúde vocal de docentes e discentes que frequentam essas salas de aula sistematicamente; a qualidade de vida daqueles que lá ministram e têm aulas; e ainda a qualidade das interações entre professor-aluno recomenda-se:

- tratamento com isolamento acústico entre as salas de maneira a reduzir os níveis de ruído e os malefícios ocasionados pelo fenômeno sonoro e sua poluição.;

- fechamento do espaço vazado que fica acima do quadro negro;

- rebaixamento do teto com gesso e climatização das salas de aula de modo que os ruidosos ventiladores sejam substituídos;

- diminuição da excessiva quantidade de lâmpadas que proporcionarão menor aquecimento e também economia no gasto de energia elétrica.

Para as condições atuais que se apresentam, cada sala de aula deveria ser equipada com um aparelho de amplificação - caixa amplificadora e microfone, de modo a minimizar o esforço vocal do professor e evitar comprometer seu principal instrumento de trabalho.

Outrossim, chama-se atenção para o fato de ser o CEDU o espaço de formação do professor, que em toda sua trajetória histórica no país tem sido muito pouco valorizado, quiçá desvalorizado. Na atual conjuntura, evidencia-se a pouca preocupação, centenária, com aquele que é o formador de formadores e com os graduandos - futuros professores que ali estudam.

Alerta-se que em virtude dos desconfortos sentidos ao se frequentar o ambiente citado gera-se estresse, que de muito contribuirá para uma discussão por demais evidente na atualidade a Síndrome de Burnout e o trabalho docente.

Maceió, 10 de agosto de 2009.

Maria Aurea Caldas Souto
Fonoaudióloga Clínica - Especialista em Voz pelo CFFa.
Mestranda em Educação pelo CEDU/PPGE/UFAL.

APÊNDICE C

TEXTO PADRÃO UTILIZADO PARA GRAVAÇÃO DAS VOZES DOS PROFESSORES

O QUE É SER PROFESSOR?

Ser professor é ser um sedutor?

Professor é aquele que desperta no estudante o desejo de aprender algo.

Portanto, ensinar envolve a capacidade do docente de estimular o aluno na busca de informações que o levem a construir o conhecimento.

Nitschie afirmava que o verdadeiro professor é aquele que só leva a sério as coisas que têm a ver com os alunos, inclusive consigo mesmo e Rubem Alves ressalta que “ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma, continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais”.

À luz dessas considerações, conheça um pouco do perfil de seu/sua professor(a).

Nome:

Formação Acadêmica:

Disciplina(s) que leciona:

APÊNDICE D

QUADRO DE RESPOSTAS DADAS AO QUESTIONÁRIO

Ao responderem:

1 Se tomam cuidados específicos com a voz; sete, dos doze sujeitos, responderam que não, dentre eles cinco do gênero masculino e dois do gênero feminino;

2 Como você costuma usar sua voz, no exercício da docência. Descrever o comportamento vocal enquanto ministra uma aula.

| Suj | G | P 1 | P 2 | P 3 | P 4 | P 5 | P 6 | P 7 | P 8 | P 9 | P 10 | P 11 | P 12 | P 13 | P 14 | P 15 | P 16 | P 17 | P 18 | P 19 | P 20 | P 21 | P 22 |
|-----|---|-----|---|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| 1 | M | Não | Com boa dicção e pausadamente; jamais fala alto | F | F | F | - | F | F | F | F | F | F | F | F | F | F | F | F | F | V | F | F |
| 2 | M | Não | Com turmas grandes tenta atingir a todos, orçando o tom da voz | F | V | V | V | V | F | F | V | F | - | - | F | V | V | V | F | V | V | F | F |
| 3 | M | Não | Usa a voz de forma muito aguda, fala muito alto | V | F | F | V | V | V | V | V | V | V | V | V | V | F | F | F | F | V | F | F |
| 4 | M | Não | Busca usar graves e agudos de modo a destacar elementos significativos no discurso | F | F | F/V | F | F | V | V | F | F | F/V | F | F | F | F | F | - | F | F | F | F |
| 5 | F | Sim | Tenta dosar o timbre de voz sem esforço | V | F | V | - | V | F | F | F | - | F | F | F | F | V | F | F | F | V | F | F |
| 6 | F | Não | Fala rápido, apesar de tentar ser pausada no início do discurso | V | V | V | F | F | F | V | V | F | F | F | F | V | V | V | F | V | V | F | F |
| 7 | F | Sim | Não tem a menor ideia, Aumenta o tom quando há muito ruído | V | V | V | V | V | V | V | V | V | V | V | F | V | V | V | F | V | V | F | F |
| 8 | F | Não | Fala alto e com relativo esforço durante as aulas, inadequação da respiração | V | V | V | - | V | V | V | F | - | V | V | V | V | F | F | F | F | V | F | F |
| 9 | F | Não | Clara na pronúncia das palavras, animada, às vezes fala alto face aos ruídos externos | F | V | F | F | F | V | F | F | F | F | F | F | F | V | V | F | V | V | F | F |
| 10 | F | Não | Tenta falar para os alunos que estão mais longe, fala muito alto, qdo percebe fala + baixo | F | V | F | V | F | V | F | F | V | F | F | F | F | F | F | F | F | V | F | F |
| 11 | M | Sim | Voz normal, aumenta o tom quando necessário | F | V | V | V | - | V | F | V | F | V | V | F | F | F | F | - | F | F | F | F |
| 12 | M | Sim | Utiliza tom de voz mediano, evita falar mais alto qdo a turma ou o ambiente é barulhento | F | V | F | - | V | V | F | F | F | F | F | F | F | V | F | F | F | V | F | F |

ANEXO



Mensagem dos chefes da UNESCO, UNICEF, PNUD, OIT e Educação Internacional por ocasião do dia Mundial dos Professores 2010 "A recuperação começa com os professores"

05 de outubro de 2010

Hoje, no Dia Mundial dos Professores, para prestar homenagem a todos os professores pelo seu papel fundamental na formação da vida das crianças e por sua contribuição crítica para o desenvolvimento social, econômico e desenvolvimento intelectual das nações. Os professores são agentes de mudança, fornecendo um impulso para o surgimento de comunidades educadas.

Muitos professores trabalham em circunstâncias extremamente difíceis, servindo em comunidades com altas taxas de pobreza, enfrentamento da violência dentro e fora da sala de aula, ou enfrentar o impacto desmoralizador do HIV e AIDS em seus colegas, alunos e famílias. Há aqueles que buscam garantir o direito à educação de 18,5 milhões de crianças refugiadas em todo o mundo. Nos países afetados por conflitos, professores são fundamentais para a reconstrução e construção da paz.

Aproveitamos esta oportunidade para enaltecer os esforços de professores, especialmente do sexo feminino professores, que aceitam a servir em alto risco, áreas carentes e desfavorecidas, alcançando os excluídos, e trazendo-lhes a perspectiva de uma vida melhor através de educação. Os professores também são cruciais para a recuperação sustentável e o crescimento em pós-conflito e situações de emergência. No Haiti, o terremoto devastador que o atingiu em janeiro passado custou a vida de cerca de 38.000

alunos e 1.300 professores e pessoal da educação. No Paquistão, segundo estimativas da ONU, metade dos 20 milhões de pessoas afetadas pelas inundações são crianças. Desde o início, reativando o sistema de ensino tem sido uma prioridade da ajuda humanitária e de recuperação em ambos países. Honramos especialmente a memória e compromisso daqueles professores que perderam suas vidas em situações de emergência.

Professores dar continuidade e segurança, durante e após catástrofes naturais e outras crises. Ao dar esperança para o futuro e fornece uma estrutura e um senso de normalidade, eles ajudam a mitigar os efeitos do desastre, conflito e deslocamento. Eles fornecem o tão necessário apoio psicossocial para aliviar o trauma das crianças e jovens que testemunharam violência extrema, ou viveram a destruição de suas casas e a perda de familiares. Professores de apoio em situações pós-crise é um investimento na paz e desenvolvimento.

Enquanto muitos governos estão a fazer esforços para proteger o orçamento da educação, os professores "empregos, salários decentes e de ensino / aprendizagem condições, estamos profundamente preocupados como provável impacto da desaceleração econômica mundial sobre a profissão docente. Como um catalisador para o crescimento e desenvolvimento humano, a educação é fundamental para a realização de todos os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) e Educação para Todos (EFA). Mas, sem um número suficiente de professores bem treinados e motivados profissionalmente, corremos o risco de curto queda da promessa feita há dez anos no Mundial de Educação Fórum para as crianças do mundo e dos jovens, porque os professores estão no centro do sistema de ensino.

Neste Dia chamamos para a adesão à recomendação da OIT / UNESCO relativa ao Estatuto dos Professores (que foi aprovado nesta data em 1966) e em 1997 pela UNESCO na Recomendação relativa à condição do Ensino Superior Pessoal. A força moral destas Recomendações continua tão pertinente como sempre. Baixo status, salários baixos e más condições de trabalho infringir os direitos dos professores enquanto desencorajar talentosos jovens de ingressar e permanecer no ensino profissão. A situação deve ser

corrigida em um momento em que o mundo precisa de cerca de 10,3 milhões de novos professores para atingir metas de educação internacionalmente acordadas até 2015.

A qualidade da formação de professores é igualmente importante. Os professores que estão bem formados e adequadamente remunerados estão melhores equipados para proporcionar uma educação decente e ser ativos promotores dos valores da paz, cidadania e diálogo intercultural. Os Governos são convidados a continuar investindo em políticas nacionais e viáveis programas de formação de professores, recrutamento e incentivos para que os professores permaneçam e se desenvolvam na profissão. Ao mesmo tempo, pedimos que os parceiros de desenvolvimento para apoiar os governos, particularmente nos países em desenvolvimento, em sua determinação de investir em professores bem formados/qualificados.

Também pedem um maior esforço e estruturas de diálogo social que dão aos professores uma voz na tomada de decisões através de suas organizações democraticamente eleitas. Sem entradas dos professores

para moldar as reformas educacionais, os processos de recuperação não são prováveis que alcançar todos seus objetivos.

No Dia Mundial dos Professores, apelamos aos governos, comunidades, nacionais e instituições internacionais em todo o mundo a renovarem o seu compromisso com os professores, particularmente nos países mais pobres e as pessoas afetadas por conflitos ou desastres. A Recuperação começa com os professores. Podemos melhores professores de honra, dando-lhes decentes condições de trabalho para cumprir a sua missão de preparar a geração mais jovem para se tornarem cidadãos responsáveis, equipados com os conhecimentos e habilidades para formar um futuro sustentável.

Junte-se a nós hoje, 05 de outubro de 2010, em que se comemoram os professores em todo o mundo!

Irina Bokova Juan Somavia

Diretor-Geral Diretor-Geral

UNESCO OIT

Helen Clark Anthony Lake

Administrador Diretor Executivo

PNUD UNICEFF

Fred van Leeuwen

Secretário-Geral

Educação Internacional